

Faculdade Canção Nova

Ângelo Germano dos Santos

Uma análise do Mistério Pascal à luz da constituição
Sacrosanctum Concilium

Cachoeira Paulista
2025

Faculdade Canção Nova

Ângelo Germano dos Santos

**Uma análise do Mistério Pascal à luz da constituição
*Sacrosanctum Concilium***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Canção Nova, sob a orientação do Prof. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza.

**Cachoeira Paulista
2025**

ÂNGELO GERMANO DOS SANTOS

**Uma análise do Mistério Pascal à luz da constituição
*Sacrosanctum Concilium***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Faculdade Canção
Nova, como exigência parcial para obtenção do
título de Bacharel em Teologia.

_____ em 12 de novembro de 2025

Grau _____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Me. Pe. Luiz Gustavo Uchoa da Silva – FCN

Profº. Me. Marcius Tadeu Maciel Naur – FCN

Prof. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza – FCN

**Cachoeira Paulista
2025**

Dedicatória

Dedico este trabalho à Santa Virgem Maria, Mãe da Igreja, e a São João Paulo II, que me sustentaram ao longo desta caminhada acadêmica. Que esta obra, nascida à luz do Mistério Pascal, seja para a maior glória de Deus e para o crescimento do amor à liturgia, fonte e ápice da vida cristã.

Agradecimento

Agradeço ao bom Deus, que, como disse o Papa Bento XVI, “*sabe trabalhar e agir também com instrumentos insuficientes*”, e me escolheu, eu, indigno servo, para esta sublime vocação. O Senhor, em sua infinita misericórdia, chamou-me para ser seu amigo e colaborador na obra da salvação.

Agradeço aos meus familiares e a todos os irmãos da família Canção Nova, bem como aos amigos, especialmente o Professor Me. Pe. Thales Maciel, que, de modo admirável, abrihantou a minha vocação com suas riquíssimas aulas sobre liturgia e me apoiou nesta caminhada. Entre eles, destaco também o Pe. Edison Oliveira, Missionário da Canção Nova, que, com afinho e confiança, me lançou aos cuidados da Sagrada Liturgia dentro dos trabalhos pastorais da Comunidade. Foi por meio desse acompanhamento que desenvolvi um profundo amor à Divina Liturgia. Ao Professor Me. Marcius, minha sincera gratidão por todo apoio sempre.

Sou grato à Faculdade Canção Nova, a todo o corpo docente, aos colaboradores e, especialmente, aos meus orientadores: Prof^o. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza, Prof. Dr. Lino Rampazzo e Prof^o. Me. Élcio. A todos agradeço o apoio, incentivo e paciência ao longo deste trabalho.

Minha eterna gratidão também ao carisma Canção Nova, que, por meio do Fundador Mons. Jonas Abib, transformou minha vida e minha vocação. A realização deste trabalho é fruto do seu “Sim” a Deus e da graça de seu Batismo no Espírito Santo.

“A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi definitivamente revelado no Mistério Pascal.” (BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 2007.)

Resumo

A presente monografia, intitulada “*Uma análise do Mistério Pascal à luz da Constituição Sacrosanctum Concilium*”, tem como objetivo evidenciar que a paixão, morte e ressurreição de Cristo constituem o centro da fé e da vida litúrgica da Igreja. O Mistério Pascal é compreendido não apenas como um acontecimento histórico, mas como uma realidade viva, continuamente atualizada na liturgia, que ocupa lugar central na vida e na missão da Igreja. A pesquisa fundamenta-se na Sagrada Escritura, na Tradição e nos documentos do Magistério da Igreja, bem como em obras de autores contemporâneos e artigos especializados que abordam o Mistério Pascal e a teologia litúrgica, tendo a Constituição *Sacrosanctum Concilium* como principal referência. Estruturado em três capítulos, o estudo analisa o Mistério Pascal como fundamento da vida cristã, aprofunda a Eucaristia como expressão suprema desse mistério e reflete sobre a liturgia, os sacramentos e os sacramentais como meios de santificação e comunhão com Deus. Assim, demonstra-se que celebrar o Mistério Pascal é viver a fé de modo concreto, unindo liturgia e vida, e permitindo que a ação salvífica de Cristo transforme o ser humano e o torne participante da vida divina.

Palavras-chaves: Mistério Pascal; Liturgia; Eucaristia; Sacramentos; Vida cristã.

Resumo Italiano

La presente monografia, intitolata “Un’analisi del Mistero Pasquale alla luce della Costituzione *Sacrosanctum Concilium*”, ha come obiettivo evidenziare che la passione, la morte e la risurrezione di Cristo costituiscono il centro della fede e della vita liturgica della Chiesa. Il Mistero Pasquale è compreso non solo come un avvenimento storico, ma come una realtà viva, continuamente attualizzata nella liturgia, che occupa un posto centrale nella vita e nella missione della Chiesa.

La ricerca si fonda sulla Sacra Scrittura, sulla Tradizione e sui documenti del Magistero della Chiesa, nonché su opere di autori contemporanei e articoli specializzati che trattano del Mistero Pasquale e della teologia liturgica, avendo come principale riferimento la Costituzione *Sacrosanctum Concilium*.

Strutturato in tre capitoli, lo studio analizza il Mistero Pasquale come fondamento della vita cristiana, approfondisce l’Eucaristia come espressione suprema di questo mistero e riflette sulla liturgia, sui sacramenti e sui sacramentali come mezzi di santificazione e di comunione con Dio.

Così, si dimostra che celebrare il Mistero Pasquale significa vivere la fede in modo concreto, unendo liturgia e vita, e permettendo che l’azione salvifica di Cristo trasformi l’essere umano e lo renda partecipe della vita divina.

Sumário

Introdução	11
Cap. I: O Mistério Pascal : elementos essenciais	13
1.1 O Mistério Pascal.....	13
1.1.1 Mistério: Perspectivas Bíblicas.....	14
1.1.2 Mistério: Perspectiva dos Santos Padres	15
1.1.3 Origem da Celebração Pascal	16
1.1.4 A Páscoa no Antigo e Novo Testamento	17
1.2 O Mistério Pascal de Cristo na Tradição: Melitão de Sardes e Leão Magno	21
1.3 O Mistério Pascal a partir da <i>Sacrosanctum Concilium</i>	23
1.3.1 <i>Sacrosanctum Concilium</i> : Primeiro Fruto do Concílio Vaticano II	23
1.3.2 A centralidade do Mistério Pascal no Concílio Vaticano II..	25
1.4 A Liturgia como ação de Cristo e da Igreja	27
Cap. II: O sagrado mistério da Eucaristia, na SC	30
2.1 Origem da Eucaristia no Mistério Pascal.....	31
2.2 Domingo: a Páscoa Semanal	35
2.2.1 O domingo na tradição patrística: celebração e memória Pascal.....	35
2.2.2 A revalorização do domingo à luz da SC.....	39
2.3 Eucaristia e Missão	44
Cap. III: A liturgia meta e fonte da vida cristã..	47
3.1 Liturgia terrena e celeste.....	48
3.2 Sacramentos e Sacramentais, que brotam do Mistério Pascal	52
3.3 Espiritualidade litúrgica e vida cristã.....	57
Considerações finais	61
Referências bibliográficas	63
Referências Eletrônicas	66

Siglas e abreviaturas

CIC – Catecismo da Igreja Católica: Catecismo da Igreja Católica. 5. ed. Brasília: CNBB, 2022.

SC – *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada pelo Concílio Vaticano II, trata da renovação litúrgica e do papel da liturgia na vida da Igreja.

EC – *Ecclesiae de Eucharistia*: Encíclica do Papa João Paulo II (2003) sobre a Eucaristia na vida da Igreja.

MF – *Mysterium Fidei*: Exortação ou encíclica (dependendo do contexto) do Papa Paulo VI sobre o Mistério Eucarístico.

DD – *Dies Domini*: Exortação apostólica do Papa João Paulo II sobre a santificação do domingo.

PO – *Presbiterum Ordinis*: Exortação apostólica do Papa Paulo VI sobre a vida e missão dos presbíteros.

Introdução

O Mistério Pascal de Cristo, que compreende a paixão, morte e ressurreição do Senhor, constitui o núcleo da fé cristã e a fonte primeira da vida espiritual de todo cristão. Por meio desse mistério, Deus realiza a salvação da humanidade, reconciliando o homem consigo mesmo e com o Criador, e oferecendo participação na vida eterna. Esta pesquisa realiza uma análise do Mistério Pascal à luz da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, promovendo a compreensão da liturgia, dos sacramentos e da espiritualidade cristã como expressão viva e eficaz desse mistério. Conforme o Concílio Vaticano II, a liturgia “é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força” (SC 10), evidenciando sua inseparável relação com a fé e a vida cristã.

O estudo organiza-se em três capítulos interligados, cada um abordando aspectos complementares da experiência pascal na vida cristã. O primeiro capítulo dedica-se à compreensão do Mistério Pascal como fundamento da vida cristã, destacando suas raízes e dimensões espiritual na vida cristã. A morte e ressurreição de Cristo não são meros eventos do passado, mas realidade contínua que orienta a fé, a moral e a vida comunitária do cristão. Participar do Mistério Pascal implica experiência de comunhão com Cristo, oferecendo esperança escatológica e força transformadora para a vida diária.

O segundo capítulo centra-se na Eucaristia, sacramento que atualiza e manifesta de forma concreta o Mistério Pascal. Segundo a *Sacrosanctum Concilium*, a Eucaristia é o sacramento da salvação, em que o corpo e o sangue de Cristo se oferecem como alimento espiritual e remédio de imortalidade (SC 47). Ela não é apenas memória de um acontecimento passado, mas presença viva de Cristo glorioso, tornando os fiéis participantes da liturgia eterna e antecipando a comunhão plena com Deus. O capítulo evidencia a dimensão sacramental e espiritual da celebração eucarística, mostrando que Cristo, Sumo Sacerdote, associa continuamente os fiéis à sua obra redentora, integrando a liturgia terrestre à celeste.

O terceiro capítulo aprofunda a reflexão sobre a liturgia como fonte e cume da vida cristã, bem como o papel dos sacramentos e sacramentais. Conforme a *Sacrosanctum Concilium*, “os sacramentos se destinam à santificação dos homens e à edificação do Corpo de Cristo” (SC 59), e os sacramentais “dispõem os fiéis a receberem o efeito principal dos sacramentos e a se santificarem nas diversas circunstâncias da vida” (SC 60). O capítulo evidencia que a liturgia transforma a existência cotidiana, renovando a vida do cristão segundo o Evangelho e tornando-o participante ativo da ação salvífica de Cristo. Ressalta-se, ainda, a centralidade da espiritualidade litúrgica, que integra os ritos sacramentais, a oração diária e a vivência dos sacramentos, configurando toda a vida cristã ao Mistério Pascal.

A integração dos capítulos permite compreender que celebrar o Mistério Pascal é viver a fé de forma concreta, experimentando a ação salvífica de Cristo em todas as dimensões da vida. A liturgia, os sacramentos e os sacramentais configuram o ser humano à vida de Cristo, transformando sua existência pela graça e fortalecendo os vínculos de comunhão com Deus e com os irmãos. Participar da liturgia não significa apenas assistir a ritos, mas ser inserido na ação divina que santifica e renova o mundo. Como afirma a *Sacrosanctum Concilium*, “a liturgia é, por sua própria natureza, ação de Cristo e da Igreja” (SC 5), evidenciando sua centralidade na experiência espiritual, na vivência comunitária e na santificação do ser humano.

Por fim, este trabalho demonstra que o Mistério Pascal fundamenta a vida cristã e que a liturgia, os sacramentos e os sacramentais tornam essa salvação presente e eficaz. Celebrar o Mistério Pascal integra fé, liturgia e vida, permitindo que a paixão, morte e ressurreição de Cristo transformem o coração, a mente e as ações dos fiéis, configurando-os à imagem do Senhor e orientando sua caminhada rumo à plenitude escatológica.

CAPÍTULO I

O Mistério Pascal fonte da vida cristã

Neste capítulo, propõe-se uma análise do Mistério Pascal, considerando suas raízes bíblicas e patrísticas e, em seguida, refletindo sobre sua compreensão à luz do Concílio Vaticano II.

1.1 O Mistério Pascal

Para iniciar esta síntese, partimos da palavra “Mistério”. Como ela é compreendida pelos diversos movimentos? Segundo o documento do *CELAM*: Mistério tem a sua origem da palavra grega *mysterion* procede de *myeo* = iniciar, *myo* = fechar, *mystes* = iniciador, guia. Ele surgiu no âmbito das religiões de mistérios por volta do século VI a.C e foi se desenvolvendo e assumindo novas modalidades de sentido.¹

Segundo Matos 2011, no âmbito filosófico “mistério significa uma luz de tal plenitude que nem o conhecimento humano a pode captar na sua totalidade. Aquilo que não se pode abarcar com a vista – ilimitado em largura e profundidade.”²

Os cultos místéricos tornaram-se amplamente populares no mundo romano e helenístico: pois respondiam à crescente sede religiosa resultante da decadência da religião clássica. Além do mais, os elementos estrangeiros e exóticos presentes em quase todos os mistérios suscitavam a curiosidade de muitos.³

Os cultos místéricos apresentam elementos comuns, sendo o principal deles a renovação ritual do mito, que se perpetua por meio deste ciclo contínuo. Fundamentam-se na natureza, buscando integrar os participantes ao ritmo de renovação de vida. Eles não se baseiam em acontecimentos históricos, mas em acontecimentos cíclicos que se repetem. Seu propósito é honrar a vida, fortalecê-la e prolongá-la, e em alguns casos, até transcender a morte. Um aspecto comum a todos é o ritual de iniciação, seguido por um processo de ascensão através de diversos graus de purificação até ser alcançada a perfeição.⁴

Diversos estudiosos apontaram semelhanças entre o cristianismo e os cultos místéricos, chegando a sugerir possíveis influências destes sobre a nova fé. No entanto, tais comparações não comprometem a originalidade da religião cristã, o cristianismo.

¹ ESCOBAR, F. Mistério Pascal de Cristo. In: CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano). **Manual de liturgia II: a Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2007. (Manual de Liturgia), p. 45.

² MATOS, Marcelo Fróes de. **O Mistério Pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra**. 2011. Dissertação (Mestrado em Liturgia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 201, p. 22.

³ Cf. MCKENZIE, Jonh L. **Dicionário Bíblico**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1983.

⁴ *Ibid.* p. 618-619.

Uma análise mais profunda desses fatores levou muitos estudiosos a abandonarem a teoria da dependência do cristianismo em relação aos cultos mistérios. Em vez disso, passaram a enxergá-lo como um movimento formal em oposição a essas tradições. Na concepção do acontecimento salvífico, o cristianismo se fundamenta na história, e não no mito.⁵

De todo modo, é importante reconhecer que o uso neotestamentário do termo 'mistério' deve ser compreendido de forma distinta daquela que prevalece no contexto do Antigo Testamento. O Novo Testamento confere a esta palavra um novo significado.⁶

1.1.1 Mistério: Perspectivas Bíblicas

A palavra *mistério* aparece nas versões gregas do Antigo Testamento com o sentido de rito pagão, mas também de anúncio de acontecimentos futuros ou plano divino secreto que depois será revelado (Tobias 12,7 ; Judite 2,2 : Daniel 2,18.⁷

Já no Novo Testamento, os Evangelhos sinóticos chamam de Mistério o Reino de Deus, oculto às massas, mas revelado aos eleitos: Mc 4,11; Mt 13,11; Lc 8,10.⁸ Nos escritos Paulinos a palavra Mistério está ligada aos desígnios ocultos que Deus tinha de salvar-nos. Deste modo, para o apóstolo Paulo desde toda a eternidade este desígnio sempre existiu e se manifestou através de Jesus Cristo na plenitude dos tempos. Não obstante após se realizar em Jesus Cristo, este mistério é confiado à Igreja e aos discípulos para que o tornem presente na realidade. A missão do apóstolo é proclamar o 'Mistério de Deus'. “a sabedoria de Deus no mistério”(1Cor 2,7); “fazer conhecer a gloriosa riqueza deste mistério em meio aos pagãos, ou seja, Cristo em vós, esperança da glória” (Cl 1,27); e, um pouco mais adiante, diz ainda mais expressamente que quer introduzir “no perfeito conhecimento do mistério de Deus, isto é, Cristo” (Cl 2,2).

No Novo Testamento *Mysterion* passa depois a significar no desígnio (ou plano) oculto de Deus, revelado apenas por manifestação divina e destinado a se cumprir no fim dos tempos. O ‘*Mysterion* de Deus’ é, pois, definitivamente, o próprio Jesus como Messias, uma história concebida na esfera de Deus e levada a seu cumprimento. Sempre se destaca a perspectiva escatológica dessa realização, como fica evidente em Efésios 1,9: Deus “nos fez conhecer o mistério da sua vontade, segundo decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de n’Ele [em Cristo] recapitular todas as coisas”. Além disso, a conotação

⁵ *Ibid.* p. 619-620.

⁶ *Ibid.*, p. 620.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

cultural do termo ajuda a compreender seu significado central: antes de remeter a um mistério doutrinal abstrato, *Mysterion* refere-se, primordialmente, a uma ação salvífica de Deus. Então, antes de tudo, não possui apenas caráter do ocultamento no sentido de mistério doutrinal abstrato. O significado originário do termo ressoa, tanto na septuaginta quanto na literatura apocalíptica.⁹

1.1.2 Mistério: Perspectiva dos Santos Padres

A partir do século II o termo “*mistério*” recebe uma multiplicidade de significados. Em torno dos padres apologistas os mistérios estão interligados às “ações salvíficas”¹⁰; para Orígenes, século III d.C., com um olhar mais amplo ressalta que o Mistério está designado a toda obra de salvação: Deus revelou e ocultou, ao mesmo tempo, Mistério de Cristo, pelo mistério da Torá e dos sacrifícios; o Mistério da igreja é o mistério de Cristo em nós.”¹¹

Mysterion refere-se às ações salvíficas de Deus, especialmente figuras (*typoi*), eventos e personagens verotestamentários de caráter tipológico, que prefiguram sua plena realização ou cumprimento em Jesus Cristo e na sua obra redentora.¹²

A escola Alexandrina amplia esse significado para incluir as verdades da fé cristã e aos sacramentos. Assim, o conceito de ‘mistério’ abrange tanto a ação salvífica de Deus em Cristo quanto o seu aspecto cultural.¹³

Para Orígenes, toda história, por meio do símbolo profético, no ‘*typos*’ do Antigo Testamento, realiza-se na vida, morte e ressurreição de Cristo. Essa realidade é comunicada tanto pela palavra quanto pelos ritos da igreja, atinge seu pleno cumprimento escatológico na manifestação definitiva das realidades de Deus, que sempre esteve presente por trás de cada mistério. Os padres posteriores seguem a mesma direção.¹⁴

Na tradição latina a palavra “*mysterion*” passou a ser traduzida como ‘*sacramentum*’ e adquiriu uma rica variedade de significados. No contexto litúrgico, passou a significar sacrifício e rito sagrado. Com o tempo, porém, as sutis distinções entre o ‘*myterium*’ e a tradução ‘*sacramentum*’ foram gradualmente desaparecendo.

⁹ Cf. NEUNHEUSER, B. Memorial. In: SARTORES, D.; TRIACCA, A. M. (org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 757-758.

¹⁰ ESCOBAR, *op. cit.*, p. 45.

¹¹ *Ibid.*

¹² *Ibid.*

¹³ Cf. NEUNHEUSER, *op. cit.*, p. 757-758.

¹⁴ *Ibid.*

Na época seguinte, destaca-se a contribuição de Agostinho, passa a empregar o termo '*sacramentum*' para designar, cada vez mais, eventos, ações, ritos cristãos incluindo também ritos do Antigo Testamento. De maneira inteligente ele desenvolve o pensamento da teologia grega, especialmente da escola alexandrina, e orienta toda a teologia latina posterior a enxergar no '*sacramentum*' um rito sagrado, um sinal santo, um sinal visível (*signum*) de realidades divinas, por meio do qual são reveladas verdades invisíveis. Este conceito deve ser compreendido, antes de tudo, em um sentido intelectualista: o sinal aponta para algo além de si mesmo, no entanto, esses sinais possuem também uma semelhança ontológica com aquilo que representam.

De fato, se os sacramentos não guardassem certa correspondência com as realidades que simbolizam, não poderiam ser considerados verdadeiros sacramentos. A 'res', a realidade última a que remetem, sempre foi a mesma: Cristo e sua ação salvífica. Dessa forma, Agostinho se alinha plenamente à antiga concepção do mistério, em que os mistérios/sacramentos são sinais sagrados que apontam para a suprema realidade salvífica de Cristo.¹⁵

São Leão Magno apresenta uma compreensão semelhante do mistério salvífico. Em suas homilias, enfatiza com insistência a dimensão atualizadora do sinal que evoca: a celebração não apenas recorda, mas faz reviver o acontecimento salvífico.¹⁶

Em conclusão, 'Mistérios' abrange todos esses aspectos: plano salvífico, ação Salvífica, ações histórico-salvíficas de Cristo, celebração memorial de tais ações, símbolos (*typos*), os ritos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, o conteúdo de fé e a doutrina que transmite conteúdo, santa obrigação.¹⁷

1.1.3 Origem da Celebração Pascal

No tópico anterior, refletiu-se sobre o significado da palavra 'mistério'. Agora, procura-se compreender o sentido da Páscoa.

Segundo Aldazábal (2002), a festa da Páscoa possui raízes muito antigas e complexas. Estas origens devem ser buscadas em duas festas ligadas à vida natural: a imolação dos cordeiros na primavera - um rito dos pastores nômades que oferecem a Deus as primícias do seu

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

rebanho e a festa dos pães ázimos (rito próprio dos povos agrícolas, sedentários que oferecem a Deus as primícias de suas colheitas).¹⁸

Na primavera, no mês de Abib depois de Nissan, na noite imediatamente anterior à partida para as pastagens de verão, os pastores imprimiam cunho solene ao começo do novo ano com a festa da imolação dos cordeiros. À luz da lua cheia, imolavam-se os primeiros animais nascidos do rebanho, cujo sangue era usado com a finalidade apotropaica e propiciatória para proteger os pastores e o rebanho de influências demoníacas, ao passo que a carne era consumida em uma refeição cultural.¹⁹

A festa dos pães ázimos, também celebrada na primavera, marcava solenemente o início da colheita, considerada sagrada. A principal característica era a oferta do primeiro feixe a Deus, e o consumo, durante uma semana inteira, do pão fermentado feito da nova colheita da cevada.²⁰

Considerando as características destes ritos, situados no mesmo contexto da primavera, o povo de Israel acrescentou a eles o significado da libertação e da saída do Egito, ou seja, o Êxodo e a aliança com Javé no Monte Sinai. Assim as festas relacionadas com a vida natural transformaram-se em um memorial perpétuo de salvação operada por Deus em favor de seu povo. Enriquecendo desta forma o conteúdo da Páscoa. Os textos de Êx 12 e Dt já pressupõem a fusão de todos esses elementos, tanto antigos quanto os salvíficos.²¹

1.1.4 A Páscoa no Antigo e no Novo Testamento

Das 49 vezes em que o termo *paschá* aparece no Antigo Testamento, 34 referem-se ao rito realizado no primeiro plenilúnio da primavera, enquanto 15 vezes indicam o cordeiro imolado nessa ocasião. Originalmente, o termo parece ter significado em uma dança ou um ritual de salto realizado durante uma festa. Esse sentido foi posteriormente incorporado pela teologia israelense. Ao mesmo tempo, por uma memorável festa primaveril, Javé “saltou - passou adiante - das casas dos israelitas assinaladas pelo sangue do cordeiro sacrificado, poupando-as.”²²

No Novo testamento o termo *paschá* aparece umas 29 vezes, referindo-se, assim como no Antigo Testamento, à festa inteira, ao rito e à vítima imolada.²³

¹⁸ Cf. ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 46.

¹⁹ Cf. SORCI, P. Mistério Pascal. In: **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus 1992 p. 773.

²⁰ *Ibid.*

²¹ Cf. ALDAZÁBAL, *op. cit.*, p. 46..

²² Cf. Ex 12, 13. 23.27

²³ Cf. SORCI, *op. cit.*, p. 773.

A palavra Páscoa advém do nome hebraico da festa judaica à qual a Páscoa cristã está intimamente ligada, não apenas pelo sentido simbólico de “passagem”, comum tanto às celebrações pagãs (passagem do inverno para primavera) quanto nas judaicas (da escravidão no Egito para a liberdade na Terra prometida).

Ao longo da história o vocábulo “Páscoa” assumiu significados específicos.

Adolf Adam (2019) apresenta a Festa da Páscoa (*Pesah*) e a festa dos Ázimos (*Mazzot*) com origens distintas, mas que porém foram fundidas posteriormente em uma só festa.²⁴ A festa da Páscoa estava ligada à festa da primavera, e também em um sentido de libertação posteriormente como explica Adam:

A festa da Páscoa remonta ao costume que tinham as tribos nômades de oferecer um animal macho, novo do rebanho, em sacrifício na primavera, e passar o seu sangue sobre os cordames das tendas, para conjurar a influência dos espíritos malignos, e de comer a sua carne assada em fogo aberto. A festa dos pães ázimos se origina de costume agrário de consagrar os primeiros feixes de cevada à divindade e de comer o pão sem fermento durante sete dias, até se obter um “fermento novo” da farinha da nova colheita.

Entretanto, a narrativa da libertação do povo do Egito, conforme o livro do Êxodo, oferece um relato que aponta para o entrelaçamento das duas festas em uma única celebração, que deveria ser comemorada todos os anos. Para os judeus a celebração da Páscoa principalmente após a libertação do exílio, traz um sentimento de serem envolvidos na obra salvífica de Deus (...) Por isso sentiam-se obrigados a também assumir aquela atitude religiosa que marcou seus antepassados ao saírem do Egito.²⁵ É possível perceber que a festa da Páscoa na celebração judaica tinha um caráter expressivo de ser o coração da experiência vivida pelo povo de Deus.

Ainda sobre o significado da Páscoa, segundo o documento do CELAM:

A palavra “Páscoa” é uma transliteração do aramaico *paschá* e do hebraico *pesah*. O termo Páscoa aparece 49 vezes no Antigo Testamento, indicando em 34 delas o rito da lua cheia de primavera e em 15, o cordeiro imolado nessa ocasião. Seu significado parece estar ligado à dança ou salto ritual que ocorria por ocasião da festa.²⁶

Na teologia de Israel a Páscoa está ligada com a libertação da escravidão do Egito e depois à celebração da Páscoa Histórica. A libertação da escravidão sua comemoração ritual (Ex 12,13.23.27). A Páscoa Histórica, compreende os acontecimentos fundadores do Êxodo e da

²⁴ Cf. ADAM, *op. cit.*, p. 6

²⁵ *Ibid.*

²⁶ ESCOBAR, *op. cit.*, p. 47.

Aliança e havia também um ritual de Páscoa, que era a Ceia Pascal, memorial da Páscoa Histórica.²⁷

Raniero Cantalamessa aponta para uma explicação mais antiga com relação ao significado da Páscoa:

Segundo uma explicação mais antiga, a festa da Páscoa recorda, em primeiro lugar, “a passagem de Deus”; o nome mesmo de Páscoa deriva de um verbo que indica a ação de Deus que “passa sobre”, no sentido de que “salta” ou “resguarda”, ou protege as casas dos hebreus, enquanto golpeia as de seus inimigos. *E quando os vossos filhos vos perguntarem: Que significa este rito?, respondereis: é o sacrifício da Páscoa (pesah) em honra do Senhor que, ferindo os egípcios, poupou (pâsâhti) as casas dos filhos de Israel no Egito e poupou as nossas famílias*²⁸ (Êx 12, 26-27)

A centralidade da Páscoa é mais teológica, estando condicionada para o próprio Deus. É Deus quem passa; significa que é uma iniciativa divina. Nos textos mais recentes do livro do Êxodo e do Deuteronômio é possível averiguar que: “A atenção se desloca do momento da imolação do cordeiro para saída do Egito, que é vista como a passagem da escravidão para liberdade.”²⁹

Dessa forma, fica evidente que a centralidade do evento altera também o protagonista. Agora a visão é mais antropológica: se anteriormente era Deus que passava para libertar o homem, agora é o homem que passa e é salvo. Como bem salienta Cantalamessa, embora o povo “torna-se livre”, essa liberdade não está condicionada a uma interpretação meramente política ou social, mas sim a uma liberdade para servir exclusivamente a Deus, conforme o textos de Êxodo 4, 23; 5,1. Esta dupla interpretação teológica e antropológica perpassa todo Antigo Testamento.

Segundo Cantalamessa, a interpretação teológica é a que predomina no ambiente do judaísmo oficial palestinese “à sombra do templo e do sacerdócio hebraico”³⁰, Esse é o ambiente de Jesus. A celebração da Páscoa estava profundamente interligada à uma dimensão mais voltada para a liturgia, condicionada pelos ritos e sacrifícios. O evento se dava em momentos sucessivos: “A imolação do cordeiro no templo, na tarde do dia 14 de Nissan, e a sua consumação em família na noite seguinte no decorrer da ceia pascal.”³¹

²⁷ *Ibid.*

²⁸ CANTALAMESSA, R. **O Mistério da Páscoa**. Aparecida, SP: Santuário, 2016, p. 6.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

No Novo Testamento, a palavra *paschá* designa, sobretudo, celebrar conjuntamente a festa da Páscoa e dos ázimos.³² Em alguns contextos, refere-se apenas à Páscoa,³³ e, em outros especialmente ao cordeiro pascal.³⁴

Apenas em 1Cor 5,7, a palavra “Páscoa” assume um significado nitidamente cristão “Purificai-vos do velho fermento para serem nova massa, já que sois sem fermento. Pois nossa Páscoa, Cristo foi imolado”. Por outro lado, o Novo Testamento apresenta diversas vezes o paralelismo entre a antiga e a nova Páscoa, entre o cordeiro pascal e Cristo, Cordeiro de Deus.³⁵

Nos primeiros séculos do cristianismo surgiu uma controvérsia sobre a interpretação a do termo Páscoa. Para alguns, a palavra derivava do verbo ‘padecer’, associando-a à tipologia do cordeiro imolado (Cf. Ex 12; 1Cor 5). Outros, seguindo a etimologia mais precisa segundo Filon de Alexandria, defendiam que a Páscoa vinha do verbo ‘passar’ e, relacionando-a à passagem do Mar vermelho (Cf. Ex 13-14).

Entre os Padres da Igreja Melitão de Sardes preferia a interpretação ligada ao padecimento enquanto, Orígenes e Clemente de Alexandria, defendiam a ideia de passagem. A síntese foi realizada por Santo Agostinho que afirmou que a Páscoa é, ao mesmo tempo, a paixão e ressurreição do Senhor.³⁶ No latim litúrgico o termo ‘*paschá*’ designa, sobretudo, a festa da ressurreição do Senhor.³⁷

O elevado número de referências à Páscoa no Novo Testamento, evidencia sua importância como principal festa por um longo período. No contexto da sua celebração, “à lembrança dos grandes acontecimentos de salvação do passado se reacendiam a cada ano as esperanças que iluminam o presente e projetavam a sua luz no futuro”³⁸. Foi precisamente em uma dessas celebrações pascais que se realizou a ação salvífica que se tornaria o centro e fundamento da nova economia da salvação.³⁹

Em síntese pode-se afirmar que a Páscoa sempre ocupou o centro de toda a história da salvação. A circuncisão, a imolação do cordeiro, as orações matutinas e vespertinas, o ciclo semanal, enfim, todas as realidades celebrativas de Israel foram orientadas para um ponto

³² Mt 26,2; Lc 2,41; 22,1; Jo 2,13. 23; 6,4; 11,55; At 12,4

³³ Mt 26,18; Mc 14,1; Hb 11,28

³⁴ Mt 26,7. 19; Mc 14,12. 14.16; Lc 22,7s; Jo 18,28; 1Cor 5,7; Cf. MARTÍN, Lopes J. **No Espírito e na verdade**: introdução teológica à Liturgia. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 144.

³⁵ Jo 1,29.36; At 8,32; 1Pd 1,19; Ap 5,6.8.12.

³⁶ Cf. ALDAZÁBAL, *op. cit.*, p. 47.

³⁷ MARTÍN, *op. cit.*, p. 144.

³⁸ MARSILI, Salvador OSB. **A Liturgia, momento histórico**. In: VV.AA. **Anamneses 1**: A liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas 1987, pp. 116-122.

³⁹ *Ibid.*

central: a “Páscoa”. Ela constitui o núcleo de toda a história da salvação, tornando-se o alicerce da legislação moral e social, bem como de toda a vida litúrgica.

1.2 O Mistério Pascal de Cristo na Tradição: Melitão de Sardes e Leão Magno

Depois de ter dado ênfase ao significado e à origem das palavras “Mistério” e “Páscoa”, procura-se agora demonstrar a centralidade do Mistério Pascal de Cristo sua centralidade na vida da igreja.

A expressão ‘Mistério Pascal’ da Patrística foi redescoberta pelo movimento litúrgico que desembocou no Concílio Vaticano II. Portanto, não é uma criação recente,⁴⁰ uma novidade teológica no campo da liturgia. Os autores mostram que essa expressão remonta os primórdios da liturgia da Igreja nascente no século II. A expressão ‘Mistério Pascal’, foi encontrada pela primeira vez, e com notável frequência, na homilia sobre a Páscoa de Melitão de Sardes entre os anos 160 e 170 da era cristã, descoberta por Claud Bonner em 1936 e, publicada em 1940 com a qualificação de um *sermão pascal* da igreja primitiva.⁴¹

Na primeira parte de sua homilia pascal, Melitão de Sardes apresenta a Paixão de Cristo como a realidade plena e verdadeira, prefigurada e tornada presente no Mistério da Páscoa judaica. Na segunda parte, interpreta a Paixão como a grande intervenção de Deus na história humana, realizada com o objetivo de redimir a humanidade que se encontra oprimida pelo mal e pela morte. Por fim, na terceira parte, o autor considera a Paixão do Senhor como um evento histórico que provocou a rejeição de Israel, agora substituída pela nova realidade inaugurada em Cristo. Para Melitão, a Páscoa judaica já não tem sentido, porque a verdadeira Páscoa foi cumprida por Jesus Cristo, vencedor do pecado e da morte.⁴² Ao referir-se ao Mistério Pascal, Melitão afirmava que novo e antigo, eterno e temporário, perecível e imperecível, mortal e imortal é o Mistério da Páscoa, pois, Ele (Cristo) é a Páscoa da nossa salvação.⁴³

Em toda a sua homilia, Melitão chama atenção dos cristãos para a compreensão do valor salvífico da Páscoa; procura mostrar a obra da salvação como um mistério universal que supera os limites do próprio povo da Páscoa. A celebração da Páscoa é necessária para a compreensão do valor redentor, divino e universal da morte de Cristo.⁴⁴

⁴⁰ Cf. SORCI, *op. cit.*, p. 772.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² CANTALAMESSA, Raniero. **I più antichi testi pasquali della chiesa**: Le omelie di Melitone di Sardi e dell’Anonimo Quartodecimano e altri teste Del Il secolo, Roma: Liturgiche, 1972, p. 37.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ MATOS, *op. cit.*, p. 37.

Com o objetivo de favorecer a assimilação do valor teológico-litúrgico e doutrinal do Mistério Pascal para os fiéis, Melitão recorre às tipologias bíblicas (patriarcas, profetas, povo da aliança, etc.) para explicar o mistério da Páscoa. No entanto, para que os cristãos compreendam a riqueza salvífica desse mistério, não basta escutá-lo em sua narrativa nas Escrituras, é necessário percebê-lo com os olhos da fé. Trata-se de uma realidade, anunciada e simbolizada na antiga Páscoa, realizada de modo pleno na imolação perfeita de Cristo e atualizada sacramentalmente na celebração litúrgica da Páscoa cristã.⁴⁵

Oh! Mistério surpreendente e inexplicável!

A imolação do cordeiro tornou-se salvação de Israel,
e a morte do cordeiro chegou a ser a vida do povo, e
o sangue intimidou o anjo.

Dize-me, anjo, o que te amedrontou?

A imolação do cordeiro, ou a vida do Senhor?

A morte do cordeiro ou a prefiguração do Senhor?

O sangue do cordeiro ou o espírito do Senhor? É
claro que estás amedrontado por teres visto o
mistério do Senhor realizado no cordeiro, a vida
do Senhor na imolação do cordeiro, a prefigura-
ção do Senhor na morte do cordeiro.⁴⁶

Assim, servindo-se da Palavra de Deus, Melitão alcança o objetivo de sua homilia ao demonstrar que a Páscoa, em sua plenitude se dirige aos cristãos, os quais são chamados a celebrá-la com fé. A paixão e a Ressurreição de Cristo constituem a realidade última e definitiva da obra salvífica. O Mistério Pascal, plenamente revelado em Cristo, manifesta a presença viva e atuante em toda a história da salvação.⁴⁷

Após Melitão de Sardes, o Padre da igreja que mais escreveu e pregou sobre o Mistério Pascal foi o Papa Leão Magno.⁴⁸

Leão Magno desenvolve um paralelismo entre a criação e a redenção, compreendendo nesta não apenas a paixão, morte e ressurreição do Senhor, mas também, a encarnação como premissa indispensável à obra da salvação da humanidade.⁴⁹ Ele afirma que, com o nascimento de Jesus, “brilhou para nós o dia da nossa redenção”.⁵⁰ Em Jesus, Deus se aproximou do

⁴⁵ MATOS, *op. cit.*, p. 39.

⁴⁶ Cf. MARTIN, *op. cit.*, p. 149.

⁴⁷ CANTALAMESSA, *op. cit.*, p. 67.

⁴⁸ IBÁÑEZ; MENDOZA, *op. cit.*, p. 149.

⁴⁹ *Apud* MATOS, *op. cit.*, p. 39.

⁵⁰ PIO XII, Papa. *Sempiternus Rex Christus*. Carta Encíclica sobre o XV Centenário do Concílio Ecu-
mênico de Calcedônia. São Paulo: Paulinas, 1951, n. 32.

mundo, desposou a nossa humanidade. Por isso Leão refere-se às festas do Natal como ao dia das nossas núpcias, em que se realizou o admirável intercâmbio entre o céu e a terra.

Este também é Mistério Pascal: o poder do verbo que, com sua graça atrai os Magos em direção a Jesus, antes que a criança pudesse falar. O Cristo no Horto, era capaz de aterrorizar com sua voz os soldados, mas, ao mesmo tempo, se submete livremente ao desígnio da salvação; O Crucificado que, ao bom ladrão, promete de imediato o paraíso. Em todos esses episódios, Leão Magno evidencia a ligação entre a criação e a redenção, revelando a dinâmica da obra salvífica.⁵¹ Ele também ressalta a relação entre a antiga e a nova aliança, entre o povo de Israel e a Igreja, e entre os ritos antigos e os sacramentos.⁵²

1.3 O Mistério Pascal a partir da *Sacrosanctum Concilium*

Neste item, antes de tudo, considera-se a Constituição *Sacrosanctum Concilium* como primeiro fruto do Concílio Vaticano II e, sucessivamente a centralidade do tema relativo ao Mistério Pascal neste mesmo documento.

1.3.1 *Sacrosanctum Concilium*: Primeiro fruto do Concílio Vaticano II

Antes de analisar o tema da centralidade do Mistério Pascal na constituição *Sacrosanctum Concilium*, convém abordar brevemente alguns pontos essenciais deste documento, como primeiro fruto dos intensos trabalhos do Concílio Vaticano II, documento este que representa um marco decisivo na vida litúrgica da igreja.

Com efeito, era a primeira vez que uma assembleia ecumênica abordava a Liturgia na sua globalidade, tanto nos seus princípios bíblico-teológicos, como nos seus aspectos celebrativos e pastorais concretos. Além disso, é necessário reconhecer como altamente eloquente a escolha de colocar a Liturgia em primeiro plano, fazendo da *Sacrosanctum Concilium* o primeiro documento promulgado pelo Concílio Vaticano II.⁵³

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* apresenta uma visão profundamente orgânica da liturgia, conferindo-lhe vitalidade. A celebração litúrgica, sobretudo, passa a ser vista sob a

⁵¹ Cf. PINELL, Jordi. Leão Magno. In: SORDI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (org). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 902.

⁵² *Ibid.*

⁵³ MARINI, Piero. M. **No 40º Aniversário da promulgação da constituição "*Sacrosanctum Concilium*".** 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 20 fev. 2025.

ótica da participação dos fiéis, uma participação consciente, piedosa e frutuosa. Neste sentido se expressou o Papa Paulo VI em 4 de dezembro de 1963, ao concluir a segunda sessão deste concílio:

Não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada, pois um dos temas — o primeiro a ser examinado e o primeiro, em certo sentido, na excelência intrínseca e na importância para a vida da Igreja — o da sagrada Liturgia, foi felizmente concluído e é hoje por Nós solenemente promulgado. Exulta o Nosso espírito com este resultado. Vemos que se respeitou nele a escala dos valores e dos deveres: Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que junto a nós crê e ora, e primeiro convite dirigido ao mundo para que solte a sua língua muda em oração feliz e autêntica e sinta a inefável força regeneradora, ao cantar conosco os divinos louvores e as esperanças humanas, por Cristo Nosso Senhor e no Espírito Santo.⁵⁴

A reforma litúrgica conduzida pelo Concílio Vaticano II, emerge como um sinal de esperança para vida da igreja, oferecendo uma liturgia com uma base sólida “liturgia que precisa ser restaurada e estimulada” (SC 54). “Para promover a reforma, o progresso e a adaptação da Sagrada Liturgia é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura” (SC 24). A leitura bíblica torna-se um tesouro acessível aos fiéis: “A leitura da Sagrada Escritura deve permitir um acesso mais amplo ao tesouro da Palavra divina” (SC 92).

Outro aspecto valioso é a redescoberta da tradição patrística. A práxis litúrgica dos Santos Padres é resgatada como modelo “A práxis litúrgica das Igrejas dos Santos Padres torna-se uma forma originária da Liturgia cristã, sobre a qual a vida litúrgica da Igreja de todas as épocas é chamada a medir-se e a averiguar-se.”⁵⁵ Uma liturgia mais orante que possa levar a uma profunda alegria, guiada pelo Espírito Santo e conduzir os fiéis a uma atitude de fé mais pura e mais orante, como bem ressaltava o Papa Paulo VI:

Bom será que recolhamos como tesouro este fruto do nosso Concílio; que o consideremos como aquilo que deve animar e caracterizar a vida da Igreja; de facto, a Igreja é uma sociedade religiosa, uma comunidade de oração, um povo que regorgita de interioridade e de espiritualidade, derivadas da fé e da graça. Se introduzimos agora alguma simplificação nas expressões do nosso culto e se procuramos torná-lo mais compreensível ao povo fiel e mais adaptado à sua linguagem atual, não quer dizer que pretendamos diminuir a importância da oração, colocá-la depois doutros cuidados do ministério sagrado ou a atividade pastoral, nem ainda empobrecê-la na sua força expressiva e no seu valor artístico; queremos apenas torná-la mais pura, mais genuína,

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ MARINI, *op. cit.*

mais próxima das suas fontes de verdade e de graça, mais capaz de se tornar património espiritual do povo.⁵⁶

A *Sacrosanctum Concilium* propõe, assim, uma liturgia renovada, fiel à tradição e profundamente enraizada na espiritualidade da Igreja primitiva. Ela valoriza todos os ritos legítimos, como afirma a própria constituição: "A santa Mãe Igreja considera como iguais em direito e honra os ritos legitimamente reconhecidos e quer que no futuro sejam conservados e promovidos por todos os modos" (SC 4).

A reforma conduz à redescoberta do sentido e da beleza da participação plena e consciente dos fiéis, como destaca São João Paulo II na carta apostólica *Vicesimus Quintus Annus*: "O Concílio viu na Liturgia uma epifania da Igreja: é a Igreja em oração. Ao celebrar o Culto Divino, a Igreja dá expressão ao que ela é: Una, Santa, Católica e Apostólica."

Nesse horizonte, a Liturgia não é um ato isolado, mas um diálogo entre Cristo, o Sumo Sacerdote, e seu povo. A celebração torna-se, então, o lugar onde se atualiza o Mistério Pascal de forma viva e operante.

1.3.2 A Centralidade do Mistério Pascal no Concílio Vaticano II

Como foi mencionado no tópico anterior, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, surge como a primícia dos primeiros trabalhos da reforma conciliar do Vaticano II. O Espírito Santo conduziu os trabalhos absolutamente, a partir de Deus, para um tempo novo na vida oracional e litúrgica da igreja. Nesta direção, o Concílio Vaticano II coloca em evidência, após séculos de sombra ou até mesmo de esquecimento, o "coração das celebrações da igreja": o Mistério Pascal, morte, ressurreição e ascensão de Cristo.

Quando se apresenta a imagem do coração com referimento ao Mistério Pascal, está se falando daquilo que é o principal ou o mais importante órgão vital do corpo. É nesse sentido representativo que o Concílio evoca o Mistério Pascal, mistério realizado em Cristo. Neste sentido se expressa Adam:

É a fonte central da salvação trazida a todos os homens de todas as épocas. Deus aceitou o auto despojamento e a obediência de Cristo até a morte de cruz como sacrifício de expiação e de reconciliação ressuscitando dos mortos e glorificando-o (cf. Fl

⁵⁶ PAULO VI, Papa. **Discurso na clausura da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II.** 4 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-i_spe_19631204_chiusura-concilio.html. Acesso em: 13 fev. 2025.

2, 6-9). O Vaticano II designa esta obra de Cristo, diversas vezes, como mistério pascal, em vista da Páscoa judaica durante a qual Jesus foi crucificado.⁵⁷

Nota-se que, em diversos pontos da constituição, o Mistério Pascal de Cristo é apresentado como a primazia central de todas as celebrações:

A obra de Cristo, sobretudo sua morte e Ressurreição (SC 5); nossa participação na obra de Cristo (SC 6); os sacramentos pascais (SC 10); a Eucaristia, convívio pascal, memorial da Morte e Ressurreição de Cristo (SC 61); expresso nas exéquias (SC 81), na vida dos santos (SC 104); domingo, páscoa semanal (SC 106); ano litúrgico, tempo de celebração do Mistério da Redenção, sobretudo o Mistério Pascal (SC 107); Quaresma, tempo para celebrar o Mistério Pascal (SC 109).⁵⁸

Deste modo o Mistério Pascal é colocado como centralidade e fundamento do culto cristão. Ilumina toda a história da humanidade, favorecendo as gerações com a compreensão de que não é algo que ficou no passado ou de um mero acontecimento histórico, mas de uma realidade atual, que ilumina o presente e traz a perspectiva de sempre renascer para uma vida nova em Cristo:

O sol irradia ininterrompidamente a riqueza de sua luz e sua energia calorífica através de séculos sobre todos os continentes, cidades aldeias e aldeias da terra, e isto ele vem fazendo há milhões de anos, sem se esgotar e sem diminuir a intensidade de seu brilho. Do mesmo modo, Cristo, com a sua obra redentora tornou-se um novo sol de salvação, irradiando sua luz e seu calor por todas as partes onde quer que se reúna a comunidade cristã para suas celebrações e se abra para ele na fé e no amor.⁵⁹

A vida nova é o primeiro fruto que o Mistério Pascal oferece “aos crentes um novo caminho de acesso ao Pai⁶⁰”. O Mistério Pascal não é apenas um fato do passado. Ele ilumina o presente e projeta a esperança no futuro.

Os antigos cristãos de Roma pintaram nas catacumbas um homem em ato de golpear com um bastão a parede de um rochedo de onde, a seguir, jorra abundante fonte de água [...] Moisés, porém, era apenas figura do Cristo, que fez brotar da rocha do Gólgota torrentes de água da salvação.⁶¹

Também Cipriano Vagaggini enfatiza:

"O Mistério Pascal é o mistério cristão inteiramente visto no seu centro ordenador e catalisador ao qual tudo tende e do qual tudo deriva. A passagem da morte à vida de Cristo e a

⁵⁷ ADAM, A. **O Ano litúrgico**. São Paulo: Loyola, 2019, p. 13.

⁵⁸ ESCOBAR, *op. cit.*, p. 46

⁵⁹ ADAM, *op. cit.*, p. 15.

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2019, p. 244.

sua comunicação ao mundo."⁶² Assim, compreendemos que o Mistério Pascal é, ao mesmo tempo, evento histórico, rito e festa. Ele transcende o tempo, permanece ativo e eficaz na liturgia da Igreja. Neste sentido o Catecismo afirma:

Quando chegou sua hora, viveu o único evento da história que não passa: Jesus morre, é sepultado, ressuscita [...] O Mistério Pascal de Cristo, ao contrário, não pode ficar somente no passado [...] tudo o que Cristo é, fez e sofreu por todos os homens participa da eternidade divina [...] o evento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a vida.⁶³

Deste modo, pode-se afirmar que o Mistério Pascal não é apenas um acréscimo que está dentro da vida litúrgica, uma espécie de símbolo litúrgico, mas o Concílio Vaticano II nos leva a uma compreensão de que é o núcleo da fé cristã, continuamente celebrado, vivido e comunicado pela divina liturgia da igreja.

1.4 A liturgia como ação de Cristo e da Igreja

Jesus se entrega livremente como vítima de expiação pelos pecados da humanidade. Vencendo a morte destrói o pecado. Em um sentido mais profundo, o Mistério Pascal é o evento em que onde a vida brota da morte. Assim como para o povo no Antigo Testamento a libertação da escravidão no Egito foi um marco decisivo, também para toda a humanidade o Mistério Pascal de Cristo representa a passagem da morte do pecado para a vida nova da ressurreição. A vida brota da morte através da entrega do verdadeiro “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29)”.

A redenção é o resgate de um escravo, o pagamento para considerá-lo juridicamente livre: implica uma recompensa, o pagamento de uma dívida ou de um resgate. Desse modo o valioso, satisfatório e meritório é a Morte de Jesus; a Ressurreição é um deslance externo. Enquanto o Mistério Pascal evoca a passagem do Senhor por seu povo para salvá-lo, e a passagem do povo do pecado a uma vida nova, por uma livre iniciativa do amor misericordioso de Deus que decidiu salvá-lo.⁶⁴

Não é apenas por se tratar de um simples acontecimento histórico, mas Igreja, movida pelo Espírito Santo, reconhece no Mistério Pascal de Cristo a primazia do derramamento de todas as graças na história da salvação. Com o desenvolvimento da compreensão teológica ao longo dos séculos, o Mistério da Páscoa passou a ser entendido como a *Passagem do Senhor*,

⁶² VAGAGGINI, *op. cit.*, p. 144.

⁶³ CIC 1085

⁶⁴ ESCOBAR, *op. cit.*, p. 49.

pela qual, mediante a sua Paixão e Morte, Cristo alcança a plenitude da vida e associa à sua Ressurreição todos aqueles que creem em seu nome. O Mistério Pascal de Cristo portanto, constitui o núcleo central da fé cristã e o fundamento da vida e da missão da igreja. Ele orienta a caminhada do povo de Deus na história, alimenta a esperança escatológica e fundamenta a vivência concreta do Evangelho no tempo presente. Por isso a liturgia proclama: “Morrendo, destruiu a morte; ressuscitando, deu-nos a vida.”⁶⁵

A celebração ritual do Mistério Pascal dá sentido ao viver cotidiano, aos sonhos e projetos, à experiência da fé e à doação de cada pessoa que se dispõe a trabalhar pela construção de uma nova sociedade, pelo resgate da dignidade humana. O ritual tem a função de atualizar o acontecimento do passado e torná-lo presente. Por meio da participação na celebração ritual, pode-se aderir ao acontecimento e ao sentido profundo que ele encerra. Isso se chama “*memorial*”, ou seja, *anamnese*, na tradição judaico-cristã. A memória evoca o acontecimento, torna o presente e incorpora a comunidade a este acontecimento por meio da realização da celebração ritual. Nesse sentido, a Ceia Eucarística que Jesus pediu para celebrar em sua memória nos permite participar de sua Páscoa, de sua vitória sobre a morte, de sua volta ao Pai.⁶⁶

O testemunho das Sagradas Escrituras revela que Deus acolheu o despojamento e a obediência filial de Cristo até a morte de cruz como verdadeiro sacrifício de expiação e reconciliação da humanidade. Em resposta, o Pai O ressuscitou dos mortos e O Glorificou, levando à plenitude a realização do Mistério Pascal. Esta verdade, de profunda densidade cristológica e soteriológica, é expressa com clareza pelo Apóstolo Paulo em sua Carta aos Filipenses: mostra que Deus aceitou o alto despojamento e a obediência de Cristo até a morte na cruz como sacrifício de expiação e reconciliação, ressuscitando-o dos mortos e glorificando-o, levando à plenitude a realização do Mistério Pascal. Eis o que diz o apóstolo Paulo na sua carta aos Filipenses.

Ele, existindo em condição divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Encontrado com aspecto humano, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus o exaltou grandemente e lhe deu o Nome que está acima de todo nome (Fl 2,6–9).

⁶⁵ IGREJA CATÓLICA. Prefácio da Celebração da Páscoa. In: **Missal Romano**: restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: CNBB, 2023.

⁶⁶ MARTÍN, *op. cit.*, p.138.

Em Cristo, realiza-se plenamente o desígnio salvífico de Deus. Ele é, por excelência, o Mistério Pascal: Aquele que, humilhando-se e assumindo a condição de servo, entregou-se à morte de cruz para cumprir integralmente a vontade do Pai.

A história humana, contemplada à luz da fé, aparece semeada de acontecimentos que, ocorridos uma única vez, implicaram uma intervenção divina decisiva para o futuro. Estes momentos são chamados, na linguagem bíblica, de *kairoi* — tempos oportunos e favoráveis — e correspondem à economia divina da salvação. Ora, os *kairoi* estabelecem uma linha de continuidade ao longo de toda a história, de modo que seu caráter salvífico está presente em todos os momentos da história da salvação, ainda que cada um tenha sua própria incidência. Surge então uma característica comum a todos os *kairoi*: a de serem irrepetíveis, *ephapax* — "de uma vez por todas". O *kairos* de Jesus Cristo, porém, está no centro e é o paradigma de todos os outros. O seu Mistério Pascal é a plenitude da história salvífica. Este *kairos*, conforme as Escrituras (cf. Rm 6,10; Hb 7,27; 9,28; 1Pd 3,18), é o verdadeiro *ephapax*.⁶⁷

O que se cumpriu em Cristo sua paixão, morte e glorificação constitui também a promessa para todos os que, configurando-se a Ele, se esforçam por testemunhar a verdade do Evangelho e fazem de suas vidas uma oferta obediente a Deus. Conforme ensina o Concílio Vaticano II, “foi da parte de Cristo Nosso Senhor que teve origem a obra da redenção humana [...] realizada pelo Mistério Pascal: pela sua Paixão, morte, Ressurreição e gloriosa Ascensão” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 5).

Exemplo por excelência de obediência ao desígnio salvífico de Deus é Maria, a Mãe de Jesus. Com fé humilde, ela renunciou aos próprios projetos para acolher plenamente a vontade divina, dizendo o seu “sim” no momento da Anunciação (cf. Lc 1,38), tornando-se Mãe do Salvador. Acompanhando fielmente a missão redentora de seu Filho, permaneceu junto a Ele até o cume de sua entrega, unindo-se de modo singular ao sacrifício da cruz (cf. Jo 19,25–27).⁶⁸ Como afirma o Papa João Paulo II, Maria “associou-se com coração de mãe ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que dela nascera”⁶⁹ (JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater*, n. 18). Também o Catecismo reconhece que ela, “unindo-se com o coração de mãe ao sacrifício de Jesus”, participou intimamente na obra da redenção (CIC, n. 964).

⁶⁷ LOPEZ J. Martin. **Liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Petrópolis: Vozes, 2022.

⁶⁸ BUYST, Ione. A liturgia na América Latina: Celebração da Páscoa do povo? **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 81, p. 10-16, maio/jun, 1987, p. 17.

⁶⁹ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater*. 25 mar. 1987. N. 18. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em 02 abril 2025.

CAPÍTULO II

O sagrado mistério da Eucaristia na *Sacrosanctum Concilium*

A *Sacrosanctum Concilium*, em seu segundo capítulo, trata especificamente do Mistério Eucarístico. Em linhas gerais outros documentos do Concílio Vaticano II abordaram este tema. Consciente da riqueza da tradição eclesial em torno da Eucaristia, sacramento central da vida cristã, o Concílio Vaticano II propôs uma reforma do Ordinário da Missa com o objetivo de recuperar e valorizar aspectos essenciais que, ao longo dos séculos, foram obscurecidos por elementos repetitivos e excessivamente complexos.

O Concílio Vaticano II, embora não tenha publicado qualquer documento específico sobre o mistério eucarístico, ilustra os seus vários aspectos no conjunto dos documentos, especialmente na constituição dogmática sobre a Igreja a *Lumen gentium* e na constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*.⁷⁰

Nesses textos, resgata-se a concepção teológica da Eucaristia, a partir de sua etimologia: ação de graças, louvor, glorificação e agradecimento ao Pai por todas as maravilhas realizadas desde a Criação e ao longo da História da Salvação, por intermédio do Filho e pela ação do Espírito Santo. A Eucaristia é apresentada também como memorial do Mistério Pascal, expressão central da fé cristã, que atualiza a obra redentora de Cristo e manifesta sua dimensão salvífica.

A Liturgia é o ápice e a fonte da vida da Igreja. Por isso, ela é o cume para o qual tende toda a atividade e, ao mesmo tempo, a fonte da qual emana toda a sua força.⁷¹ De fato, o trabalho apostólico é realizado para que todos, pela fé e pelo Batismo, se tornem filhos de Deus e, reunidos em assembleia, louvem a Deus no seio da Igreja, participem do Sacrifício eucarístico e se alimentem na Ceia do Senhor. Por sua vez, a própria Liturgia impulsiona os fiéis para que, saciados pelos “sacramentos pascais”, vivam “unidos na caridade” e “confirmem pela vida o que receberam pela fé.”

A renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia atrai e arrasta os fiéis à imensurável caridade de Cristo. Portanto, da Liturgia e, de modo especial, da Eucaristia, como de uma fonte, corre para nós a graça que, em Cristo, realiza com maior eficácia a santificação dos homens e a glorificação de Deus, fim último para o qual convergem todas as outras obras da Igreja.

⁷⁰ EC 9

⁷¹ SC 10

O Concílio Vaticano II, ao mencionar quarenta vezes a palavra *Eucaristia* e dezessete vezes o termo *eucarístico*, manifesta a importância fundamental deste mistério para a vida e missão da Igreja. Essa ênfase procura nutrir uma autêntica espiritualidade eucarística, em sintonia com a renovação proposta pelo evento conciliar. Na Constituição *Lumen Gentium*, a Eucaristia se revela em sua dimensão eclesiológica, como centro da vida da Igreja. A Constituição *Gaudium et Spes*, por sua vez, ressalta seu caráter de compromisso fraterno e serviço solidário dentro e fora da comunidade cristã. Já os decretos *Presbyterorum Ordinis* e *Perfectae Caritatis* orientam para uma espiritualidade enraizada na Eucaristia, tanto para o ministério sacerdotal quanto para a vida religiosa e comunitária, enfatizando a celebração da Nova Aliança entre Deus e os homens.⁷²

No coração da vida da Igreja está a Eucaristia, que confere à Liturgia sua centralidade e valor. Enraizada no Mistério Pascal de Cristo, ela se apresenta como fonte e expressão do amor redentor, possibilitando compreender e viver de modo pleno o seu significado e celebração.

2.1 Origem da Eucaristia no Mistério Pascal

Após a breve introdução sobre a compreensão conciliar do Mistério Eucarístico, passa-se agora a aprofundar sua origem no Mistério Pascal, conforme apresenta a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Esse ensinamento ressalta a importância de celebrar a Eucaristia como centro da vida litúrgica e da fé da Igreja, evidenciando sua dimensão salvífica e sua íntima relação com a obra redentora de Cristo.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* nos aponta para uma belíssima definição sobre a Eucaristia como uma realidade inseparável do Mistério Pascal de Cristo. “A Eucaristia é o memorial da Paixão e Ressurreição do Senhor, e é oferecida à glória do Pai e para a salvação do mundo”.⁷³ Instituída na última Ceia, na noite em que foi entregue, ela perpetua ao longo dos séculos o único sacrifício da cruz, tornando presente, na liturgia, a entrega total do Filho ao Pai para a salvação do mundo. É memorial vivo da morte e ressurreição do Senhor, no qual os fiéis participam sacramentalmente da vitória pascal e recebem a vida nova que dela brota. Como banquete pascal, une os membros da Igreja no vínculo da caridade, enche a alma da graça e antecipa a glória futura.

⁷² Cf. SILVA, Vanderson de Sousa. A teologia do Domingo: memória pascal semanal: aspectos de teologia do ano litúrgico. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano XXII, n. 84, p. 268-284, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 16 ago. 2025.

⁷³ SC 47

Assim, a Eucaristia não apenas recorda, mas atualiza de modo eficaz o evento central da fé cristã: o Mistério Pascal, fonte e cume de toda a vida e missão eclesial.

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura.⁷⁴

Ainda neste horizonte, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* destaca a presença real de Cristo na celebração litúrgica. Desde os primórdios da Igreja, a Eucaristia constitui o memorial vivo de sua entrega ao Pai e da redenção da humanidade⁷⁵, a Igreja nunca deixou de reunir-se para celebrar o Mistério Pascal. Nesse contexto, lê-se “o que se referia a Ele em todas as Escrituras” (Lc 24,27), celebra-se a Eucaristia, na qual “se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte”, e dá-se graças “a Deus pelo seu dom inefável” (2 Cor 9,15), em Cristo Jesus, “para louvor da sua glória” (Ef 1,12).⁷⁶

A esse ensinamento soma-se a contribuição do Papa Paulo VI, que, ao promulgar a Carta Encíclica *Mysterium Fidei*, quis reafirmar com vigor a doutrina eucarística em plena consonância com o que fora proposto pelo Concílio Vaticano II. Na Encíclica, o Pontífice aprofunda a compreensão do Mistério Eucarístico, ressaltando que, ao instituí-lo, Cristo estabeleceu a Nova Aliança em seu sangue, tornando-se o único Mediador entre Deus e a humanidade, de modo análogo às prefigurações presentes no Antigo Testamento, especialmente nos sacrifícios da Lei.

Nosso Senhor Jesus Cristo, ao instituir o Mistério Eucarístico, sancionou com o seu sangue o Novo Testamento de que é Mediador, do mesmo modo que Moisés sancionara o Velho com o sangue dos vitelos (cf. Hb 9,15-21). Segundo contam os Evangelistas, na última Ceia, “tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória’. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós’” (Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-25). E mandando aos Apóstolos que fizessem isto em sua memória, mostrou a vontade de que este Mistério se renovasse. Na realidade, foi o que a Igreja primitiva realizou fielmente, perseverando na doutrina dos Apóstolos e reunindo-se para celebrar o Sacrifício Eucarístico. Como testemunha São Lucas: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). E assim, chegavam a tal fervor, que deles se podia dizer: “A multidão dos que haviam crido era um só o coração e uma só a alma” (At 4,32).⁷⁷

⁷⁴ SC 47

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ *Ibid.*

⁷⁷ MF 28

Em continuidade com o percurso até aqui desenvolvido, e para aprofundar ainda mais a reflexão teológica desta pesquisa, faz-se oportuno recorrer ao magistério do Papa João Paulo II, particularmente no contexto do Ano da Eucaristia. Entre seus escritos de maior relevância, destacam-se a Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine* e a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, nas quais a centralidade do Mistério eucarístico na vida e missão da Igreja é iluminada de modo singular.

Na Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, o Santo Padre ressalta que a celebração eucarística constitui o momento privilegiado em que a Igreja entra em comunhão com Cristo ressuscitado. A Eucaristia é, portanto, memorial do Mistério Pascal, sacramento que torna presente o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo e que, ao mesmo tempo, é fonte de vida e comunhão para toda a comunidade. Assim, participar da Eucaristia é participar do Mistério Pascal de maneira atual, permitindo à Igreja experimentar a redenção operada por Cristo e dar graças a Deus pelo dom inefável da salvação.⁷⁸

Pois bem, dentro do âmbito da Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, e dando ênfase ao número 47 da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, que afirma que “o nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e Sangue para perpetuar, através dos séculos, até à sua vinda, o Sacrifício da Cruz, confiando à Igreja, sua Esposa, o memorial da sua Morte e ressurreição”⁷⁹, João Paulo II recorda que a instituição da Eucaristia, ocorrida no Cenáculo, encontra o seu fundamento e a sua fonte em todo o *Triduum Paschale*. Este, de certo modo, permanece preservado, antecipado e “concentrado” para sempre no dom eucarístico. Nele, Cristo confiou à Igreja a atualização perene do Mistério Pascal, instaurando uma misteriosa “contemporaneidade” entre o único Tríduo e o arco de toda a história humana.⁸⁰

O nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi traído, instituiu o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar o Sacrifício da Cruz pelos séculos afora, até à sua vinda, deixando deste modo à Igreja, sua diletta Esposa, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que se recebe Cristo, se enche a alma de graça e é dado o penhor da glória futura.⁸¹

Continua o Papa: “Há, no evento pascal e na Eucaristia que o atualiza ao longo dos séculos, uma capacidade realmente imensa, na qual está contida a história inteira, enquanto

⁷⁸ *Mane Nobiscum Domine* 15.

⁷⁹ SC 47

⁸⁰ EC 5

⁸¹ MF 4

destinatária da graça da redenção.⁸² Tal afirmação do Santo Padre evidencia a dimensão cósmica e histórica da Eucaristia: nela, a Páscoa de Cristo, ao mesmo tempo que transcende o tempo e o espaço, insere-se na trama da história humana como evento redentor sempre atual.

A “capacidade realmente imensa” à qual o Papa João Paulo II se refere exprime justamente a potência universal da graça pascal, que, ao ser atualizada sacramentalmente, não permanece circunscrita ao passado, mas estende-se a todas as gerações, tornando cada época destinatária da redenção. Nessa perspectiva, a celebração eucarística é o lugar no qual a Igreja, enquanto peregrina no tempo, participa da eternidade do sacrifício de Cristo, realizando uma verdadeira “contemporaneidade” entre o Tríduo Pascal e a vida dos fiéis. Na Eucaristia, portanto, manifesta-se como o sacramento em que o mistério da Cruz e da Ressurreição não apenas é recordado, mas se faz presente e operante na história, revelando a inseparável união entre liturgia, salvação e missão da Igreja.

Enfim, para enriquecer ainda mais esta síntese, é oportuno ressaltar a contribuição de um dos documentos mais recentes sobre a Santíssima Eucaristia: a Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, o “Sacramento da Caridade”, de Papa Bento XVI, que apresenta a Eucaristia como expressão máxima da dimensão essencial e sacramental do Mistério Pascal, conforme destaca o Pontífice:

No Mistério Pascal realizou-se verdadeiramente a libertação da humanidade do mal e da morte. Na instituição da Eucaristia, o próprio Jesus falou da “nova e eterna aliança”, selada no seu sangue derramado (cf. Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20). Essa finalidade última de sua missão já estava manifesta desde o início de sua vida pública: nas margens do Jordão, quando João Batista vê Jesus aproximar-se, proclama: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). É significativo notar que a mesma expressão ressoa em cada celebração da Santa Missa, quando o sacerdote convida os fiéis à mesa eucarística: “Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Cristo é, portanto, o verdadeiro Cordeiro pascal, que se ofereceu livremente em sacrifício por nós, realizando a nova e eterna aliança. A Eucaristia conserva em si esta novidade radical, renovada e comunicada aos fiéis em cada celebração.⁸³

Em suma, Cristo é o verdadeiro Cordeiro Pascal, oferecido livremente em sacrifício e que estabelece a nova e eterna aliança. A Eucaristia preserva e torna presente esta novidade transformadora, comunicando-a aos fiéis a cada celebração como memorial vivo do Mistério Pascal. Neste sacramento, a morte de Cristo se manifesta como ato supremo de amor, fonte de salvação e de comunhão para toda a humanidade. À luz dessa centralidade e do seu caráter

⁸² EC 5

⁸³ *Sacramentum Caritatis* 09

pascal, o item seguinte se dedicará à celebração do Domingo, prolongamento semanal da Páscoa, evidenciando sua importância litúrgica e espiritual na vida da Igreja.

2.2 Domingo: a Páscoa semanal

No item anterior, refletimos sobre o Mistério da Santíssima Eucaristia em sua íntima relação com o Mistério Pascal de Cristo, ressaltando sua origem no sacrifício redentor. Neste ponto, voltamos nosso olhar para a revalorização do Domingo, à luz do que afirma o nº 106 da Constituição *Sacrosanctum Concilium*:

O domingo deve ser cuidadosamente guardado em toda a sua dignidade, como o principal dia de festa, no qual se celebra o memorial pascal do Senhor, a fim de que os fiéis, por intermédio da participação na Eucaristia, sejam espiritualmente renovados.⁸⁴

O Concílio Vaticano II manifesta sua preocupação em oferecer à Igreja uma expressão mais autêntica de sua autoconsciência e de sua ação litúrgica. Ao longo da história, a importância do domingo, por vezes, foi relegada a segundo plano; contudo, a reforma litúrgica conciliar, ao retornar às fontes da fé, restituiu-lhe o devido destaque, conduzindo-nos a redescobrir a riqueza com que os primeiros cristãos viviam a celebração do Dia do Senhor.

O domingo, desde as origens cristãs, foi compreendido como a atualização semanal do Mistério Pascal de Cristo. A comunidade apostólica, a partir da experiência fundante do Ressuscitado que se manifesta aos discípulos “no primeiro dia depois do sábado” (cf. Mc 16,14-18; Lc 24,36-49; Jo 20,19-23), assumiu o hábito de reunir-se festivamente para a fração do pão, memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Esse encontro, atestado pelo testemunho bíblico e confirmado pela tradição, tornou-se o núcleo da identidade cristã: a celebração dominical da Eucaristia.

2.2.1 O Domingo na tradição patrística: celebração e memória pascal

A tradição patrística primitiva torna mais evidentes e desenvolve as referências ao Domingo já presentes na teologia neotestamentária. A Didagé, por exemplo, testemunha que a comunidade cristã celebrava a Eucaristia “no dia do Senhor” (Didagé 14,1). Já no século III, a Didascálica orienta os cristãos a suspenderem suas atividades cotidianas para participarem das assembleias dominicais, nas quais se celebrava a memória pascal de Cristo. Nesse sentido,

⁸⁴ SC 106.

recomenda que todos, reconhecendo-se membros de Cristo, não negligenciem a participação na assembleia, reservando o domingo para ouvir a palavra de Deus e nutrir-se do alimento espiritual que conduz à vida eterna.⁸⁵

[...] sois membros de Cristo... com efeito. Já que tendes em Cristo o vosso chefe, segundo a sua promessa, presente e em comunhão convosco, não sejais negligentes e não priveis o salvador de seus membros, não dilacereis e não disperseis o seu corpo, e não coloqueis vossos negócios temporais acima da palavra de Deus, mas no dia de Domingo, deixando tudo de lado, acorrei com diligência às vossas igrejas. De fato, justificação poderá apresentar a Deus quem não comparece neste dia à assembleia para escutar a palavra de salvação e para nutrir-se [com o alimento divino que dura para sempre].⁸⁶

Eusébio de Cesareia evidencia a prática da Igreja primitiva de celebrar a Eucaristia como memória semanal da Páscoa de Jesus Cristo, mostrando que, na organização do ano litúrgico, a Páscoa era inicialmente comemorada toda semana, para só então ser celebrada de forma solene anualmente. Essa prática se revela no uso enfático das expressões “toda semana” e “todo domingo”, indicando que, desde o período patrístico, o domingo era considerado o dia central de festa. Dessa forma, o domingo assumiu, desde os primórdios, uma posição privilegiada na espiritualidade cristã.⁸⁷

Nos primórdios da Igreja, o domingo constituía a única festa regular da comunidade cristã. Justino Mártir relata que, a cada oito dias, os cristãos celebravam o “dia do Sol”, reconhecendo nele tanto o início da criação, quando Deus separou as trevas da luz, quanto o dia da ressurreição de Jesus Cristo, Senhor e Salvador.⁸⁸

Dessa forma, o domingo representava a cristianização da antiga festa pagã do Sol Invicto, assumindo um profundo significado teológico. Esse simbolismo se encontra também na Escritura, como no cântico de Zacarias (Lc 1,78-79), que anuncia o “Sol nascente” vindo iluminar aqueles que estão nas trevas. Na tradição cristã, esse Sol nascente é identificado com Cristo, que se encarnou para trazer luz aos que jazem na escuridão. De modo semelhante, a teologia joanina apresenta Jesus como “luz do mundo”, afirmando: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12), reforçando a centralidade do domingo como dia de iluminação e celebração pascal.⁸⁹

⁸⁵ Cf. Sousa, *op. cit.*, p. 269

⁸⁶ *Didascálica*, II, 47,1 *apud* AUGÉ 2004, p. 48.

⁸⁷ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *apud* AUGÉ, 2004, p. 115.

⁸⁸ Cf. Sousa, *op. cit.*, p. 269

⁸⁹ *Ibid.*

Outro testemunho relevante acerca do domingo encontra-se em Santo Inácio de Antioquia, que destaca a superação do sábado pela celebração do Dia do Senhor. Em sua carta aos Magnésios, o bispo afirma que aqueles que outrora viviam segundo a antiga ordem, agora, movidos pela nova esperança, já não observam o sábado, mas se orientam pelo “dia do Senhor” (*kuriaké*), no qual a vida foi renovada pela morte e ressurreição de Cristo. Tal afirmação sugere que, em algumas comunidades, ainda havia práticas de caráter judaizante, às quais Inácio se opunha com firmeza, reafirmando a centralidade do domingo como expressão da novidade cristã.⁹⁰

Entre os testemunhos mais significativos acerca da prática dominical das primeiras comunidades cristãs, encontra-se a célebre carta de Plínio, o Jovem, dirigida ao imperador Trajano no início do século II. Nela, o governador da Bitínia descreve os cristãos como aqueles que “se reuniam em um dia determinado, antes do amanhecer, e entoavam um hino a Cristo como a um Deus; em seguida, dispersavam-se e, mais tarde, voltavam a encontrar-se para participar de uma refeição em comum”. Este testemunho extra eclesial é de notável valor histórico, pois confirma que, já nos primórdios, os discípulos de Cristo se distinguiram por reunir-se regularmente no *dies Domini*, o dia do Senhor.⁹¹

Tal prática encontra sua raiz no próprio Novo Testamento, onde se testemunha que “no primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão” (At 20,7), a comunidade cristã se reunia para celebrar a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição de Cristo. De igual modo, São Paulo recomenda aos coríntios: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que tiver conseguido poupar” (1Cor 16,2), revelando a consciência de um tempo novo, configurado pela ressurreição do Senhor. À luz dessas fontes, compreende-se que o relato de Plínio não descreve apenas um costume social, mas atesta uma convicção profundamente teológica: o domingo, desde os primeiros séculos, foi entendido como o dia em que a Igreja se reconhece como Corpo de Cristo, proclama a vitória pascal e se edifica na comunhão fraterna.

No contexto norte-africano do século III, tanto Tertuliano quanto Cipriano oferecem valiosos testemunhos sobre a vivência cristã do domingo. Tertuliano atesta que, embora a observância do sábado ainda estivesse presente em algumas comunidades, o domingo já se consolidava como o dia central do culto cristão, justamente por ser o dia da ressurreição do Senhor. Para ele, esse dia deveria ser santificado com a celebração pascal. Em sua reflexão, o domingo se distinguia por três aspectos fundamentais: não era marcado pelo jejum, mas pela alegria, e

⁹⁰ Cf. Sousa, *op. cit.*, p. 269.

⁹¹ Cf. Adam, *op. cit.*, p. 40-41.

nele se evitava rezar de joelhos, pois a posição de pé simbolizava o Ressuscitado (*anástasis*), aquele que, tendo vencido a morte, está de pé como o *Pantokrátor*, o Todo-Poderoso.⁹²

O africano Cipriano retoma a tradição neotestamentária referente ao “oitavo dia”, consagrado pelo acontecimento da ressurreição de Cristo. Em sua reflexão simbólica, ele traça um paralelo entre a prática judaica da circuncisão e o mistério pascal de Cristo, pois em ambos o “oitavo dia” assume valor teológico fundamental. Nesse sentido, escreve Cipriano:

[...] pois pelo fato que também na circuncisão judaica carnal se observava o oitavo dia, o mistério foi preanunciado na sombra e na imagem, mas com a vinda de Cristo na verdade se cumpriu. Porque no oitavo dia, a saber, o primeiro dia depois do sábado, o Senhor haveria de ressuscitar e vivificar-nos e dar-nos uma circuncisão espiritual, este oitavo dia, isto é, o primeiro depois do sábado, e dia do Senhor, precedeu na imagem.⁹³

Cipriano vê na prática judaica da circuncisão, realizada no oitavo dia, uma leitura simbólica que aponta para a ressurreição de Cristo, também ocorrida no oitavo dia. Para ele, o rito da carne era apenas um anúncio de algo maior: a verdadeira circuncisão espiritual, que se revela no Domingo. Nesse contexto, o mistério dominical permite ao cristão viver aquilo que antes era apenas sinal e figura, mas que encontra sua plena realização no Cristo ressuscitado

Clemente de Alexandria investiga o relato da criação nas Escrituras e confere ao descanso dominical um valor contemplativo profundo. Para ele, o repouso do sábado não era meramente uma cessação do trabalho, mas simbolizava uma pausa reflexiva que nos permite admirar a criação divina em sua totalidade. Nesse sentido, o domingo assume o papel de tempo privilegiado para a contemplação da obra redentora de Cristo, cuja presença transforma e renova toda a natureza, o cosmos e a humanidade.⁹⁴

Ainda na teologia dos Santos Padres, ao buscarmos compreender como as primeiras comunidades cristãs vivenciavam o mistério do Domingo, encontramos o testemunho de Orígenes, que estabelece uma profunda analogia entre o maná e o Domingo. Segundo ele, o maná, recolhido durante seis dias e que cessava no sábado, voltava a ser recolhido pelo povo do Antigo Testamento no primeiro dia da semana. Assim também, em todos os Domingos, a Igreja o Novo Israel recolhe espiritualmente o maná da Palavra e da Eucaristia, oferecidos como dom pascal. O próprio Orígenes assim afirma:

Das Escrituras divinas decorre claramente que o maná foi oferecido no dia de Domingo. Com efeito, se, como diz a Escritura, o maná era recolhido durante seis dias e cessava no sétimo dia, que é sábado, não há dúvida que teve origem no primeiro dia, isto é, no Domingo. Ora... segundo as divinas Escrituras é sabido que no dia de

⁹² Sousa, *op. cit.*, p. 281.

⁹³ CIPRIANO, *apud* AUGÉ, 2004, p. 117.

⁹⁴ *Ibid.*

Domingo Deus fez chover o maná, ao passo que no sábado ele cessou... No nosso dia de Domingo, porém, o Senhor sempre faz cair do céu o maná.⁹⁵

Outro importante testemunho é oferecido por Hipólito de Roma, que confirma a consolidação do Domingo como dia da memória de Cristo na Igreja de Roma. Em sua obra *Traditio Apostólica*, ele destaca a centralidade do Domingo na vida litúrgica, descrevendo, por exemplo, que a iniciação cristã era celebrada neste dia, bem como a ordenação episcopal. Hipólito sublinha que o bispo deveria ser eleito por todo o povo (*episcopus ordinetur electus ab omni populo*) e consagrado num Domingo (*die dominica*), revelando o caráter pascal e eclesial que este dia assume para a comunidade.⁹⁶

Em síntese, a teologia patrística acerca do Domingo pode ser assim delineada: é o dia em que a assembleia cristã se reúne (Inácio, Justino e Tertuliano); o dia em que o cristão vivencia o ócio sagrado para participar da assembleia (Tertuliano, Didascálica); o dia da contemplação da criação (Justino e Clemente); o primeiro dia da nova criação (Justino, Cipriano e Orígenes); o dia de Pentecostes (Hipólito); e o dia da celebração da iniciação cristã e da ordenação episcopal (Hipólito). Em última análise, todo esse desenvolvimento patrístico converge para o testemunho eloquente dos cristãos de Abitíne, no norte da África, que, no século IV, a despeito das ameaças de morte e dos dolorosos flagelos, proclamaram: *‘Não podemos viver sem o dominicum’*, isto é, sem a Ceia dominical do Senhor.⁹⁷

2.2.2 A revalorização do Domingo à luz da *Sacrosanctum Concilium*

Tendo considerado o testemunho patrístico acerca do Domingo, voltamo-nos agora para a renovação conciliar, em particular à Constituição *Sacrosanctum Concilium*. A reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II pode ser compreendida como um retorno às fontes da fé e como uma continuidade da teologia dos santos Padres sobre o “Dia do Senhor”, revalorizando como centro da vida cristã. A essa perspectiva somam-se ainda os documentos posteriores do magistério, que deram continuidade e aprofundamento a esse rico trabalho de atualização da vida litúrgica da Igreja.

No Capítulo V da *Sacrosanctum Concilium*, dedicado ao ano litúrgico, o domingo é apresentado como fundamento e núcleo de todo o calendário litúrgico, sendo a festa primordial da Igreja. A constituição enfatiza que os fiéis devem vivenciá-lo como dia de alegria e de

⁹⁵ ORÍGENES, *apud* AUGÉ 2004, p. 96.

⁹⁶ Sousa, *op. cit.*, p. 271.

⁹⁷ *Ibid.*

descanso do trabalho, destacando sua centralidade não apenas ritual, mas também espiritual e pastoral. Como afirma a *Sacrosanctum Concilium*:

Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal a cada oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou domingo. Neste dia devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os 'regenerou para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos' (1 Pedr. 1,3). O domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso. Não deve ser sacrificado a outras celebrações que não sejam de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o centro de todo o ano litúrgico.⁹⁸

O domingo deve ser celebrado como a festa principal da Igreja, constituindo-se em sinal da Vida Nova trazida por Cristo ressuscitado. É um dia destinado ao repouso, à alegria e à participação ativa na comunidade paroquial, bem como à vivência da comunhão familiar, refletindo a experiência do Mistério Pascal. Celebrar o domingo significa atualizar, na vida cotidiana, a presença de Cristo Ressuscitado, tornando este dia um momento privilegiado de júbilo, louvor e ação de graças. A centralidade do domingo manifesta-se na sua capacidade de unir os fiéis em torno da Eucaristia e da vida fraterna, consolidando-o como tempo de festa, esperança, reafirmando assim o papel essencial da Ressurreição de Cristo na vida da Igreja e de cada cristão.

Nas palavras do saudoso Papa Paulo VI, que após a morte de João XXIII deu admirável continuidade aos trabalhos conciliares, manifesta-se o espírito do Concílio acerca do domingo, ressaltando o seu significado profundo. Assim exorta o Santo Padre:

Um convite urgente a todas as autoridades das comunidades cristãs e aos seus inspiradores espirituais: não hesiteis em exortar, oportuna e intempestivamente, a fidelidade dos batizados a celebrar a Eucaristia aos domingos com alegria festiva. Pois como poderiam negligenciar este encontro e o grande banquete que Cristo nos prepara por amor? Que esta participação na Eucaristia seja, pois, tão digna e jubilosa quanto possível! O próprio Cristo, crucificado e glorificado, caminha no meio dos seus discípulos, para os atrair a todos para a renovação operada pela sua ressurreição. Este é o ápice da Aliança de amor entre Deus e o seu povo: é sinal e fonte de alegria cristã, bem como uma etapa no caminho para a eterna solenidade da segunda vinda.⁹⁹

Na mesma perspectiva, o Papa São João Paulo II ressoa, com singular profundidade, a riqueza da Carta Encíclica *Dies Domini*, oferecendo à Igreja uma reflexão abrangente sobre o sentido teológico, espiritual e pastoral do domingo. Nesse contexto, o Pontífice evidencia

⁹⁸ SC 106.

⁹⁹ PAULO VI *Gaudete in Domino*: Exortação Apostólica sobre a Alegria Cristã.

múltiplas dimensões que o domingo assume para os cristãos: *dies Domini*, em referência à obra da criação;

Por isso, a alegria com que Deus, no primeiro *sábado* da humanidade, contempla a criação feita do nada, exprime-se doravante pela alegria com que Cristo apareceu aos seus, no domingo de Páscoa, trazendo o dom da paz e do Espírito (cf. Jo 20,19-23). De fato, no mistério pascal, a condição humana e, com ela, toda a criação, que geme e sofre as dores de parto até ao presente (cf. Rom 8,22) conheceu o seu novo *êxodo* para a liberdade dos filhos de Deus, que podem gritar, com Cristo, *Abba, Pai* (Rom 8,15; Gal 4,6). À luz deste mistério, o sentido do preceito vetero testamentário do dia do Senhor é recuperado, integrado e plenamente revelado na glória que brilha na face de Cristo Ressuscitado (cf. 2 Cor 4,6). Do *sábado* passa-se ao *primeiro dia depois do sábado*, do sétimo dia passa-se ao primeiro dia: o *dies Domini* torna-se o *dies Christi*!¹⁰⁰

Para o cristão, o domingo é o dia central da semana, ocasião em que os batizados celebram a libertação trazida por Cristo e podem proclamar com o salmista: “Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e alegremo-nos nele” (Sl 118,24). Este sublime dia deve manifestar no coração dos fiéis a graça do Batismo, pelo qual foram incorporados ao Corpo de Cristo. O domingo é, portanto, o momento privilegiado em que o cristão recorda a salvação recebida e vive a novidade de vida em Cristo.

Dies Christi, enquanto dia da nova criação e do dom do Espírito Santo que o Senhor Ressuscitado concede, requer, contudo, referência específica à Ressurreição de Cristo para se alcançar o pleno sentido dessa dimensão. O domingo cristão realiza isso ao repropor, a cada semana, à consideração e à vida dos crentes o evento pascal, de onde emana a salvação do mundo.¹⁰¹

É *Dies Ecclesiae*, o dia da Igreja, o encontro da assembleia eucarística. É o momento em que os irmãos na fé se reúnem para celebrar, agradecer e bendizer a Deus pela semana que passou e pelo novo tempo que se inicia, atualizando a promessa de Cristo: “Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (Mt 28,20).

De facto, é precisamente na Missa dominical que os cristãos revivem, com particular intensidade, a experiência feita pelos Apóstolos na tarde de Páscoa, quando, estando eles reunidos, o Ressuscitado lhes apareceu (cf. Jo 20,19). Naquele pequeno núcleo de discípulos, primícia da Igreja, estava, de algum modo, presente o Povo de Deus de todos os tempos. Pelo seu testemunho, estende-se a cada geração de crentes a saudação de Cristo, transbordante do dom messiânico da paz, conquistada pelo seu sangue e oferecida juntamente com o seu Espírito: “A paz esteja convosco! “. No facto de Cristo voltar ao meio deles ” oito dias depois “ (Jo 20,26), pode-se ver representado, na sua raiz, o costume da comunidade cristã de reunir todos os oito dias, no “ dia do Senhor “ o domingo, para professar a fé na sua ressurreição e recolher os frutos da bem-aventurança prometida por Ele: “Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam! “ (Jo 20,29).

¹⁰⁰ DD 18

¹⁰¹ *Ibid.*

É *dies hominis*, porque é dia de alegria, repouso e caridade fraterna. Assim, o domingo se apresenta como um momento privilegiado em que memória, culto e esperança escatológica se entrelaçam, revelando sua centralidade na vida da Igreja e na vivência do tempo cristão.

O dia do Senhor, com a sua memória específica da glória de Cristo ressuscitado, evoca, com maior intensidade também, a glória futura do seu “regresso”. Isto faz do domingo o dia em que a Igreja, manifestando com mais clareza o seu carácter “esponsal”, antecipa de algum modo a realidade escatológica da Jerusalém celeste. Ao reunir os seus filhos na assembleia eucarística e educá-los para a expectativa do “Esposo divino”, ela realiza uma espécie de “exercício do desejo”, no qual saboreia antecipadamente a alegria dos novos céus e da nova terra, quando a cidade santa, a nova Jerusalém, descer do céu, de junto de Deus, “bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo” (Ap 21,2).

Esse carácter escatológico do domingo mostra que a liturgia não se limita a rememorar um fato histórico, mas atualiza a presença de Cristo ressuscitado na história, educando a comunidade à esperança ativa. Ao participar da assembleia eucarística, os fiéis percebem como o tempo cronológico é transformado em tempo sagrado, no qual memória e antecipação se entrelaçam, permitindo uma participação real no “mistério da plenitude” e na alegria dos novos céus e da nova terra;

Sendo o domingo a Páscoa semanal que evoca e torna presente o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos, ele é também o dia que revela o sentido do tempo. Não tem qualquer afinidade com os ciclos cósmicos que, segundo a religião natural e a cultura humana, poderiam ritmar o tempo, fazendo crer talvez ao mito do eterno retorno. O domingo cristão é diverso! Nasce da Ressurreição, ele sulca os tempos do homem, os meses, os anos, os séculos como uma seta lançada que os atravessa, orientando-os para a meta da segunda vinda de Cristo. O domingo prefigura o dia final, o da *Parusia*, já antecipada de algum modo pela glória de Cristo no acontecimento da Ressurreição.¹⁰²

Como podemos perceber, o domingo possui uma beleza própria, ressaltada ainda mais após o Concílio Vaticano II, quando sua centralidade litúrgica e espiritual foi novamente colocada em evidência. Para concluir este tópico, não poderíamos deixar de recorrer às palavras do Papa Bento XVI e, consequentemente, do Papa Francisco, que destacam a singularidade do domingo na vida da Igreja e na experiência cristã, reforçando sua dimensão de memorial da Ressurreição, de repouso sagrado e de comunhão fraterna.

Com a profundidade de sempre, o Papa Bento XVI enfatiza que a vida cristã encontra sua verdadeira configuração no domingo, ou seja, na vivência do Mistério Pascal em comunhão com a Igreja;

¹⁰² DD 75

De fato, o domingo não se distingue com base na simples suspensão das actividades habituais, como se fosse uma espécie de parêntesis dentro do ritmo normal dos dias; os cristãos sempre sentiram este dia como o primeiro da semana, porque nele se faz memória da novidade radical trazida por Cristo. Por isso, o domingo é o dia em que o cristão reencontra a forma eucarística própria da sua existência, segundo a qual é chamado a viver constantemente: “viver segundo o domingo “ significa viver consciente da libertação trazida por Cristo e realizar a própria existência como oferta de si mesmo a Deus, para que a sua vitória se manifeste plenamente a todos os homens através duma conduta intimamente renovada.¹⁰³

De forma complementar, o Papa Francisco retoma e aprofunda essa perspectiva, enfatizando a dimensão pastoral e comunitária do domingo.

No decurso do tempo feito novo pela Páscoa, em cada oito dias a Igreja celebra no domingo o acontecimento da salvação. O domingo, antes de ser um preceito, é um dom que Deus faz ao seu povo, sendo a celebração dominical uma oportunidade de formação da comunidade cristã pela Eucaristia. De domingo em domingo, a Palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência, realizando em nós aquilo para que foi enviada (cf. Is 55,10-11). De domingo em domingo, a comunhão no Corpo e no Sangue de Cristo torna nossa vida um sacrifício agradável ao Pai, vivido na comunhão fraterna que se expressa em partilha, acolhimento e serviço. De domingo em domingo, a força do Pão partido sustenta o anúncio do Evangelho, no qual se manifesta a autenticidade da celebração.¹⁰⁴

Dessa forma, como Bento XVI e Francisco reiteram, o domingo não é apenas um dia comum, mas o momento privilegiado em que memória, culto e esperança escatológica se entrelaçam. Ele transforma o tempo humano em tempo sagrado, conduz os fiéis à plena vivência da vida nova em Cristo e manifesta sua centralidade na vida da Igreja, tornando-se expressão da alegria, do repouso e da caridade fraterna.

Em síntese, a reflexão sobre o domingo evidencia o legado do Concílio Vaticano II, especialmente a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (n. 106), que destacou o domingo como dia do Senhor, fonte de espiritualidade, culto e renovação da vida cristã. O Concílio mostrou a liturgia como ação de Cristo e da Igreja, revelando o domingo não apenas como pausa semanal, mas como experiência viva da Ressurreição e da esperança escatológica.

Portanto, o Concílio Vaticano II não apenas trouxe uma redescoberta litúrgica e espiritual do domingo, mas, através do magistério subsequente, essa valorização se expandiu, se consolidou e deu continuidade ao caminho iniciado pelo Concílio. O domingo se revela, assim, como tempo privilegiado de encontro com Cristo, de comunhão fraterna e de renovação da esperança cristã, santificando o tempo humano e iluminando a vida da Igreja, enquanto memória viva da Ressurreição e antecipação da plenitude escatológica.

¹⁰³ *Sacramentum Caritatis* 75.

¹⁰⁴ DD 36

2.3 Eucaristia e missão

Após refletirmos sobre a revalorização do Domingo e a centralidade da Eucaristia como memorial vivo do Mistério Pascal, torna-se evidente que este sacramento não se limita apenas ao âmbito celebrativo. Pelo contrário, constitui-se como fonte e impulso permanente para a missão da Igreja no mundo, nutrindo os fiéis com a graça de Cristo ressuscitado para que levem amor, caridade e esperança da fé a todos os ambientes da vida cotidiana. Nesse horizonte, a própria vida de Jesus, o Missionário do Pai, pode ser compreendida como missão recebida do Pai:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para levar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano do favor do Senhor.” (Lc 4,18-19). Toda a sua existência foi marcada por anúncio, serviço e entrega, culminando no Mistério Pascal.

Após a ressurreição, Jesus confia aos discípulos a continuidade dessa missão: “Em seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas” (Lc 24,47-48). Fortalecida pelo Espírito Santo em Pentecostes (cf. At 2,1-4), a Igreja torna-se missionária, prolongando no tempo a obra do Senhor.

Nesse contexto, a Eucaristia apresenta-se como alimento indispensável para a missão: o Cristo Ressuscitado se faz reconhecer “ao partir o pão” (Lc 24,30-31), configurando os fiéis ao Senhor que se doa e, ao mesmo tempo, os envia ao mundo para testemunhar o Evangelho. Assim, a vida cristã é inseparavelmente eucarística e missionária: celebra-se para ser enviado, e a missão se fortalece sempre de novo na mesa do Senhor. E nessa linha, o Concílio verifica que os cristãos, além de se alimentar do sagrado banquete, devem expressar na missão aquilo que recebem:

Por isso, a Igreja se preocupa vivamente para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos, mas que, compreendendo-o bem nos seus ritos e orações, participem da ação sagrada consciente, piedosa e ativa; sejam instruídos pela palavra de Deus, se alimentem à mesa do Corpo do Senhor, dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, e, pela mediação de Cristo, sejam aperfeiçoados de dia em dia na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.¹⁰⁵

¹⁰⁵ SC 48

A Eucaristia constitui a verdadeira força da missão da Igreja. É mediante a vida eucarística que a comunidade cristã encontra vigor e destemor para expandir o anúncio da Boa-Nova de Cristo. Nela se concentra o tesouro pleno da vida espiritual da Igreja, pois nela se manifesta o próprio Cristo, nossa Páscoa, como Pão vivo descido do céu (cf. Jo 6,51), que comunica a vida divina aos homens por meio de sua carne vivificada pelo Espírito Santo. Ao participar deste mistério, os fiéis são chamados a unir-se à oferta total de Cristo, configurando-se progressivamente à sua entrega redentora. Deste modo, a Eucaristia se apresenta como “fonte e ápice de toda a missão evangelizadora da Igreja”¹⁰⁶, introduzindo gradualmente os catecúmenos na participação plena do Mistério Pascal e inserindo os fiéis, já marcados pelo Batismo e pela Confirmação, no Corpo Místico de Cristo, do qual jorra a santificação do mundo e a comunhão eclesial.¹⁰⁷

Na mesma linha salientou o Papa João Paulo II, “a missão da Igreja encontra a sua origem e continuidade na missão de Cristo, que, após a Ressurreição, envia os Apóstolos da mesma forma como fora enviado pelo Pai: ‘Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós’ (Jo 20,21).”¹⁰⁸

João Paulo II aprofunda esta reflexão ao afirmar que: “Se a Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia”¹⁰⁹. Tal dinâmica evidencia a inseparável relação entre o mistério eucarístico e a missão eclesial: a Igreja nasce da Eucaristia e, ao mesmo tempo, é enviada por ela para anunciar e testemunhar Cristo ao mundo.

Para enriquecer a reflexão sobre a relação entre Eucaristia e Missão, é oportuno recorrer às palavras de Bento XVI na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*. No número 84, o Pontífice afirma:

Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão.¹¹⁰

Tal afirmação confirma que a vida eucarística não se encerra apenas no âmbito celebrativo, mas projeta-se necessariamente no testemunho missionário da Igreja. uma igreja em missão que proclama a vida nova e Cristo imbuído pela graça de participação na mesma.

¹⁰⁶ SC 10

¹⁰⁷ PO 6

¹⁰⁸ EC 22

¹⁰⁹ EC 26

¹¹⁰ *Sacramentum Caritatis* 84

“Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: “Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco “ (1 Jo 1, 2-3).¹¹¹

A participação no banquete eucarístico introduz os fiéis no movimento do amor trinitário que, partindo do coração de Deus, deseja alcançar todos os homens. Nesse sentido, Bento XVI afirma:

Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Aliás, a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3,16-17; Rm 8,32). Na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que atualiza o sacrifício que Ele, em obediência ao Pai, fez de Si mesmo pela salvação de todos nós. Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã.¹¹²

Aqui encontramos a razão pela qual muitos cristãos não pouparam esforços, chegando, em alguns casos, ao testemunho supremo do martírio. Estes homens e mulheres, que “completaram em sua carne o que falta às tribulações de Cristo” (cf. Cl 1,24), experimentaram na Eucaristia o impulso de testemunhar o Evangelho até a doação total da própria vida.

De maneira análoga, outros, movidos pela caridade ardente, encontram no banquete eucarístico a força para amar concretamente o próximo, transformando suas vidas em uma oferta de serviço e cuidado aos mais necessitados. Igualmente, as virgens consagradas, esposas de Cristo, desejam anunciar o Esposo imaculado mediante uma vida santa e pura, assimilando-se à doação da Hóstia imaculada no altar. Também os casais cristãos, sustentados pela Eucaristia, encontram vigor para educar os filhos na fé e testemunhar, no cotidiano da vida familiar, a alegria do Evangelho, como bem salientou o Papa Francisco:

O próprio Jesus Se repartiu, e reparte, por nós. E pede que façamos dom de nós mesmos, que nos repartamos pelos outros. Foi precisamente este “partir o pão” que se tornou ícone, sinal de reconhecimento de Cristo e dos cristãos. Lembremo-nos de Emaús: reconheceram-No “ao partir o pão” (Lc 24, 35). Recordemos a primeira comunidade de Jerusalém: “Eram assíduos (...) à fração do pão” (At 2, 42). É a Eucaristia que se torna, desde o início, o centro e a forma da vida da Igreja. Mas pensemos também em todos os santos e santas – famosos ou anônimos – que se “repartiram” a si mesmos, a própria vida, para “dar de comer” aos irmãos. Quantas mães, quantos pais, juntamente com o pão quotidiano cortado sobre a mesa de casa, repartiram o seu coração para fazer crescer os filhos, e fazê-los crescer bem! Quantos cristãos, como cidadãos responsáveis, repartiram a própria vida para defender a dignidade de todos, especialmente dos mais pobres, marginalizados e discriminados! Onde encontram eles a força para fazer tudo isto? Precisamente na Eucaristia: na força do amor do Senhor

¹¹¹ *Ibid.*

¹¹² *Ibid.*

ressuscitado, que também hoje parte o pão para nós e repete: “Fazei isto em memória de Mim”.¹¹³

Na força do Senhor ressuscitado, cada cristão é chamado a tornar-se “pão partido” para os outros, levando o amor de Deus às diversas situações da vida, como ressalta também o Papa Francisco:

É o Senhor que não pede nada, mas dá tudo. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nós deixamos transformar tornando-nos pão partido para os outros.¹¹⁴

Ao receber o Pão da Vida, cada cristão é chamado a se doar generosamente, traduzindo na prática cotidiana o amor celebrado no altar e tornando-se instrumento da transformação do mundo.

Conclui-se que quem se aproxima da mesa eucarística é inserido na lógica do dom total de Cristo, sendo chamado a prolongar, na vida cotidiana, aquilo que celebra no altar. A existência cristã assume, assim, uma forma “eucarística”, marcada pela gratuidade, entrega e abertura missionária ao mundo inteiro. O Magistério da Igreja, em continuidade com o Concílio Vaticano II, destaca que a Eucaristia é inseparável da missão, capacitando os fiéis a tornarem visível o Reino de Deus por meio de ações concretas de amor, serviço e anúncio do Evangelho. Celebrar a Eucaristia é, portanto, comprometer-se a viver e testemunhar a presença de Cristo no mundo.

CAPÍTULO III

3.1 A Liturgia fonte e meta da vida cristã

Depois do estudo sobre o mistério pascal nos capítulos anteriores, sobre o Mistério Pascal como fonte e cume da vida cristã, e de termos aprofundado, no segundo capítulo, o Sagrado Mistério da Eucaristia à luz da *Sacrosanctum Concilium*, neste terceiro capítulo, será apresentado a compreensão da liturgia como meta e fonte da vida cristã, conforme delineia a Constituição Conciliar: “A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo,

¹¹³ Homilia Papa Francisco, quinta-feira, 26 de Maio de 2016.

¹¹⁴ Homilia do Papa Francisco Basílica de São Pedro Domingo, 6 de junho de 2021.

é a fonte donde emana toda a sua força.”¹¹⁵ Nesse horizonte, compreende-se que a liturgia da Igreja não é apenas uma ação humana, mas participação real e antecipada na liturgia eterna, celebrada no céu, diante do trono de Deus e do Cordeiro, como nos remete o livro do Apocalipse de São João (cf. Ap 4–5). Assim, este terceiro capítulo pretende evidenciar como a celebração litúrgica na terra está inseparavelmente vinculada à realidade escatológica, onde a Igreja, peregrina no tempo, se une à assembleia celeste na glorificação de Cristo.

3.1 Liturgia terrena e celeste

A espiritualidade litúrgica, alicerçada na revelação e na teologia da Igreja, traduz a responsabilidade eclesial em relação aos ritos e à fé celebrada. Tal dinâmica conduz o Povo de Deus à participação plena e consciente na vida cristã, irradiando-se também na sociedade. O Concílio Vaticano II recorda que *“Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas”*¹¹⁶, indicando que Ele próprio preside, santifica e conduz o culto ao Pai. Assim, a liturgia da Igreja torna-se sacramento eficaz de salvação e antecipação da liturgia celeste.

Essa liberdade de acesso a Deus, anunciada pela Escritura, revela o núcleo da espiritualidade litúrgica: a presença de Cristo como grande sacerdote, que nos abre um caminho novo e vivo, tornando-nos participantes diretos da ação salvadora de Deus. O autor da carta aos Hebreus enfatiza:

Irmãos, temos plena liberdade para entrar no santuário pelo sangue de Jesus. Ele nos abriu um caminho novo e vivo através do véu, isto é, da sua humanidade, e temos um grande sacerdote constituído sobre a casa de Deus. Aproximemo-nos, portanto, com coração sincero e cheio de fé, com o coração purificado de toda má consciência e o corpo lavado com água pura. Guardemos, sem vacilar, a profissão da nossa esperança, porque é fiel aquele que fez a promessa. Sejam os atentos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não abandonemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer; pelo contrário, animemo-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar.¹¹⁷

Comentando esse trecho da Carta aos Hebreus, Cipriano Vagaggini observa que a assembleia litúrgica constitui o lugar natural em que os cristãos, aspergidos e purificados pelo batismo, se aproximam de Deus sob a égide de Cristo, grande sacerdote, que nos obteve tão grande benefício com seu sangue. Em virtude do mesmo sangue, Ele nos concede firme confiança de que, um dia, poderemos entrar no santuário celeste, termo último de nossa peregrinação,

¹¹⁵ SC10

¹¹⁶ SC 7

¹¹⁷ Hb 10, 19-25.

no qual Ele nos precedeu. Enquanto aguardamos, devemos conservar intacta nossa fé e a esperança, traduzidas em amor e boas obras.¹¹⁸

Deste modo, o autor nos insere na celebração do “único Liturgo, Cristo, e na única liturgia, a de Cristo, agora glorioso à destra do Pai”¹¹⁹. Enquanto a liturgia do Antigo Testamento apontava para realidades espirituais de modo simbólico e ainda incompleto, a liturgia cristã, inaugurada por Cristo, realiza de fato a participação do homem na liturgia celeste. Não se trata apenas de um prenúncio ou de uma imagem distante, mas de uma comunhão efetiva com a realidade espiritual que ela representa. Em cada celebração eucarística, cada ação litúrgica e cada gesto ritual, os fiéis entram em contato direto com o Mistério Pascal de Cristo, agora presente e atuante, e se tornam colaboradores conscientes na adoração que se dirige ao Pai no Espírito Santo.

A liturgia terrestre dos cristãos não pode ser senão uma epifania, sob o véu dos ritos e dos símbolos, da liturgia celeste de Cristo, sua manifestação na terra sob o envoltório terrestre. A liturgia terrestre e a liturgia celeste são uma mesma realidade e não diferem senão no modo de manifestação e de plenitude; como no conceito antigo, a imagem e a realidade que ela manifesta.¹²⁰

A profundidade desta realidade faz da liturgia cristã não apenas uma continuação simbólica do Antigo Testamento, mas a atualização concreta da adoração celeste, na qual o próprio Cristo é o único Sumo Sacerdote que oferece a si mesmo e nos associa a Ele. Assim, a liturgia da Igreja não é apenas memória ou lembrança, mas participação viva na realidade divina que ela revela.

Portanto, cada gesto, cada palavra e cada símbolo da liturgia cristã tem por objetivo revelar aquilo que já existe na esfera celestial. O altar, os sacramentos, as preces e os cânticos tornam-se, assim, veículos da presença de Cristo glorioso, permitindo que o homem participe de uma realidade que transcende o tempo e o espaço. Nessa perspectiva, a liturgia não é apenas memória do que Cristo realizou, mas presença atual do Mistério Pascal, pelo qual o céu e a terra se encontram.¹²¹

A distinção entre liturgia terrestre e liturgia celeste reside apenas na forma perceptível para os sentidos humanos. Enquanto a liturgia celeste se realiza em sua plenitude e perfeição, a liturgia na terra é a manifestação tangível dessa mesma realidade, adaptada às capacidades humanas de compreensão e participação. É por isso que a liturgia cristã, embora visível e temporal, possui uma profundidade que ultrapassa qualquer rito ou símbolo: ela nos introduz diretamente

¹¹⁸ Cipriano Vagaggini pp. 236-237

¹¹⁹ *Ibid.*

¹²⁰ *Ibid.*

¹²¹ *Ibid.*

na adoração eterna que ocorre diante do trono de Deus, tornando o finito capaz de tocar o infinito.

Na nossa liturgia terrestre está sempre e por todo lugar o próprio Cristo, que age sob o véu dos ritos e pelo instrumento dos ministros humanos. De modo que, sempre e em todo lugar, Cristo é o ministro principal de toda ação litúrgica, em todas as suas formas: missas, sacramentos, sacramentais e louvor divino.¹²²

Evidenciando a realidade do Sacrifício eucarístico, Vagaggini exemplifica que este é um certo modo pelo qual se torna presente na terra o que apareceu a João no Apocalipse. Com essa afirmação, o autor sublinha que a celebração eucarística terrena não constitui uma realidade autônoma, mas, antes, uma participação sacramental na liturgia eterna do Cordeiro, tal como revelada na visão apocalíptica.

A Igreja sempre creu que a Missa é, de certo modo, a atualização na terra daquilo que São João contemplou no Apocalipse: “no meio do trono, dos quatro seres viventes e dos anciãos estava de pé um Cordeiro como que imolado” (Ap 5,6). Esse Cordeiro é o próprio Cristo, o Sacerdote eterno, que está sentado à direita do trono da majestade nos céus, como ministro do verdadeiro santuário e da tenda verdadeira (Hb 8,1-2). “Ele é o nosso paráclito diante do Pai” (1Jo 2,1) sempre vivo para interceder (Hb 7,25) por nós.¹²³

Vagaggini apresenta a perspectiva de Santo Agostinho, que nos ajuda a compreender a grande ideia: a oração da Igreja é a própria oração de Cristo, e a oração de Cristo é, ao mesmo tempo, a oração da Igreja. Nesse sentido, Santo Agostinho afirma que Cristo e a Igreja formam uma só realidade sponsal, “são dois em uma só carne” (cf. Gn 2,24), Cabeça e Corpo inseparáveis. Assim, “o Esposo e a Esposa são dois, mas falam como uma só voz; fale, pois, Cristo, porque na Igreja fala Cristo, e na Igreja fala Cristo porque nela está o seu Corpo”.¹²⁴ Dessa forma, a liturgia manifesta-se como a oração integral do Cristo total.¹²⁵ Cabeça e membros unidos em inseparável comunhão.

Vagaggini entende que o Concílio Vaticano II, seguindo as pegadas de Santo Agostinho e da encíclica *Mediator Dei* de Paulo VI, afirma que também o Ofício Divino é, de modo eminente, a oração do próprio Cristo, o Sumo Sacerdote da nova e eterna Aliança. Cristo Jesus, ao assumir a natureza humana, introduziu neste exílio terreno o hino que é eternamente cantado no céu. Ele une a Si toda a humanidade e a associa à sua própria voz para elevar este cântico de louvor.

¹²² *Ibid.*

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 85,1, apud VAGAGGINI, 2009, p. 41.

¹²⁵ *Ibid.*

O Sumo Sacerdote da nova e eterna Aliança, Cristo Jesus, assumindo a natureza humana, introduziu neste exílio terrestre aquele hino que se canta perpetuamente nas moradas celestes. Ele associa a Si toda a comunidade dos homens e a une a este cântico divino de louvor.¹²⁶

Esse ofício sacerdotal Cristo o continua por meio de sua Igreja, que incessantemente louva o Senhor e intercede pela salvação do mundo, não somente na celebração da Eucaristia, mas também de outros modos, especialmente através do Ofício Divino. Conforme a *Sacrosanctum Concilium*, “quando este ofício é celebrado dignamente, ele se torna a voz da Esposa que fala ao Esposo, e até mesmo a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai.”¹²⁷

De modo admirável, o *Dicionário de Liturgia* nos introduz ainda mais no aspecto central da vida cristã, inseparável da Encarnação e do Mistério Pascal de Cristo.

“A liturgia é colocada na mesma linha do mistério integral da Encarnação de Cristo, como mistério da redenção dos homens e da glorificação de Deus; mais ainda, é apresentada como ‘exercício’ ou realização última e permanente dele. A liturgia é o momento supremo, isto é, escatológico, da Encarnação sob a sua modalidade de Mistério Pascal.”¹²⁸

Nesta perspectiva, convém destacar as palavras do Papa João Paulo II:

A Liturgia constitui um compromisso permanente para haurir cada vez mais abundantemente das riquezas da Liturgia aquela força vital que se difunde de Cristo para os membros do seu Corpo, que é a Igreja. Sendo a Liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, é necessário manter sempre viva a afirmação do discípulo diante da presença misteriosa do Senhor: ‘É o Senhor!’ (Jo 21,7). Nada do que fazemos na Liturgia pode parecer mais importante do que aquilo que Cristo realiza, de maneira invisível, mas real, pela força do seu Espírito.¹²⁹

Nesse mesmo horizonte, é oportuno sublinhar o ensinamento do Papa Bento XVI sobre a liturgia, apresentada como o ápice para o qual converge a ação da Igreja e, simultaneamente, como a “fonte de onde emana toda a sua virtude.”¹³⁰ “Nesse contexto, a liturgia, com seu rico universo celebrativo, configura-se como a grande educadora da primazia da fé e da graça, orientando a vida cristã em sua dimensão mais profunda.”¹³¹

¹²⁶ SC 84

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ NEUNHEUSER, B., *op. cit.*, p. 643.

¹²⁹ JOÃO PAULO II. *Vicesimus quintus annus*. Exortação Apostólica sobre o 25º aniversário da Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*. Vaticano, 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19950304_vicesimus-quintus-annus.html. Acesso em: 27 set. 2025.

¹³⁰ SC 10

¹³¹ BENTO XVI. Discurso à comunidade do Pontifício Instituto Litúrgico do Ateneu de Santo Anselmo, no 50º aniversário de fundação. Sala Clementina, 6 maio 2011. Disponível em:

Complementando essas reflexões, o Papa Francisco oferece uma perspectiva atualizada sobre a liturgia, enfatizando sua centralidade na vida do cristão:

A celebração litúrgica é o lugar privilegiado onde encontramos Cristo vivo. A liturgia garante à nossa vida de fé a possibilidade de um encontro com o Senhor, de modo que a vida cristã, que é chamada a ser em todas as suas dimensões culto espiritual, encontre na liturgia a sua fonte e o seu cume.¹³²

A liturgia, desse modo, é o espaço sacramental no qual Cristo se faz presente de maneira real, permitindo que os fiéis experimentem um encontro vivo com Ele. É também na liturgia que a vida cristã encontra sentido em todas as suas dimensões, pessoal, comunitária, espiritual e prática, constituindo-se como o fundamento da vivência da fé, da oração e da santificação.

3.2 Sacramentos e Sacramentais, que brotam do Mistério Pascal

Este tópico dedica-se à análise do terceiro capítulo da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, com ênfase nos 59 e 60, que destacam a importância dos sacramentos e dos sacramentais na vida da Igreja. Assim afirma a constituição conciliar: “Os sacramentos se destinam à santificação dos homens e à edificação do Corpo de Cristo”¹³³, enquanto os sacramentais “dispõem os fiéis a receberem o efeito principal dos sacramentos e a se santificarem nas diversas circunstâncias da vida.”¹³⁴

Sem a pretensão de analisar individualmente os sete sacramentos, este tópico busca evidenciar, a partir do Mistério Pascal de Cristo, como os sacramentos e sacramentais brotam da Páscoa do Senhor e expressam a presença viva de Cristo na Igreja, que continua a realizar a obra da salvação.

Como bem salienta a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, “a obra da salvação continua na Igreja por meio da liturgia”¹³⁵. Vimos isso de maneira mais abrangente no tópico anterior. Deste modo Cristo está presente e agindo no corpo da Igreja, santificando-a por meio dos sacramentos e transmitindo a sua força vital, pois “quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza.”¹³⁶

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110506_sant-ansemo.html. Acesso em: 29 set. 2025.

¹³² DD 11

¹³³ SC 59

¹³⁴ SC 60

¹³⁵ SC 6

¹³⁶ SC 7

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, Ele também enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo. A missão dos doze não se limitava a anunciar a Boa Nova de que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte, introduzindo-nos no Reino do Pai, mas incluía também a realização concreta da obra da salvação por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica da Igreja. Dessa forma, a liturgia não é apenas proclamação, mas também ação eficaz, tornando presente o Mistério Pascal e comunicando a graça salvadora de Cristo aos fiéis.¹³⁷

Cristo age sempre e tão intimamente unido à igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai.¹³⁸ Nos sacramentos, essa presença se torna concreta, pois é o próprio Cristo quem age e comunica a graça pascal à Igreja, fazendo com que cada celebração seja uma participação viva no Mistério de sua morte e ressurreição.

Pela abundância de seu amor, Deus chama a criatura racional a um destino que ultrapassa suas capacidades naturais: a comunhão plena com Ele e a participação em sua própria vida. Assim como, no plano da criação, Deus provê para que cada ser alcance a finalidade para a qual foi feito, também na ordem espiritual Ele oferece os meios necessários para que o ser humano alcance sua meta última, que é a salvação e a vida sobrenatural. Entre esses meios, os sacramentos ocupam lugar central, pois são sinais eficazes da graça de Deus, instituídos por Cristo, que tornam presente o Mistério Pascal e conduzem os fiéis à união com Ele, fortalecendo-os na vida cristã e santificando-os integralmente.¹³⁹

A participação sacramental no Mistério Pascal de Cristo não anula a dimensão humana, mas a eleva e plenifica. De fato, ao comunicar a vida nova da graça, os sacramentos fazem amadurecer a pessoa até atingir “a estatura do Cristo, o homem perfeito” (Ef 4,13). Essa experiência pascal não permanece apenas no âmbito individual, mas também faz crescer as relações sociais, suscitando um verdadeiro desejo de comunhão trinitária, conforme a oração de Jesus: “para que sejam um, assim como nós somos um” (Jo 17,22). Além disso, a celebração sacramental envolve toda a história humana, já transformada pelo Ressuscitado, que renova todas as coisas (cf. Ap 21,5), de modo que a vida cristã se torna sinal e antecipação da nova criação inaugurada na Páscoa de Cristo.¹⁴⁰

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ FERNÁNDEZ, Pedro; MALDONADO, Luis. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOROBIO, Dionisio (org.). **A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental**. v. 1. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

¹⁴⁰ *Ibid.*

A celebração sacramental envolve o ser humano em sua totalidade, alcançando sua existência concreta, com desafios, esperanças e escolhas. Ela toca tanto a dimensão pessoal quanto a social, levando a assumir compromissos e decisões. Trata-se de uma liturgia vivida no coração da realidade humana, onde homens e mulheres, em sua condição histórica, são alcançados pela graça da salvação.

Isto significa que a celebração litúrgica da salvação exige o entrar em comunhão com a situação atormentada do mundo e do homem para realizar a libertação concreta da humanidade. Essa liturgia cristã tem sabor de céu, mas também tem entranhas de terra. A liturgia é chamada a ser historicamente libertadora.¹⁴¹

Dessa forma, a liturgia não é um ato desligado da realidade, mas profundamente encarnada na história humana. Celebrar a salvação significa entrar em comunhão com a condição concreta dos homens e mulheres, com suas dores e esperanças, para que a graça de Cristo alcance situações reais de sofrimento e opressão. Nesse sentido, como recorda a *Sacrosanctum Concilium*, “os sacramentos têm por finalidade santificar os fiéis, edificar o Corpo de Cristo”¹⁴² e prestar culto a Deus. Neles, a participação no Mistério Pascal não só antecipa a realidade celeste, mas também transforma a vida cotidiana, tornando a história humana espaço de libertação e de renovação.

Assim, os sacramentos, brotando do Mistério Pascal, possuem esse duplo dinamismo: “experiência do sagrado” e “realidade terrena”, pois unem a realidade do mundo à graça redentora de Cristo. A graça provém de Jesus Cristo, que, por meio de sua paixão e morte, nos tornou acessível a salvação e a remissão dos pecados, vindo de Deus pela ação do Espírito Santo. Os sacramentos “confere a graça, mas também dispõem a recebê-la frutuosamente, prestar o devido culto a Deus e exercer a caridade.”¹⁴³

Para participar dessa graça, é necessário que o homem a busque em Cristo, que é sua fonte. Esse encontro se dá historicamente, no tempo e no espaço, por meio da Igreja, confiada à missão de ser sinal da presença de Cristo no mundo. É por meio da Igreja que os sacramentos se tornam disponíveis aos fiéis, sendo canais eficazes da ação da graça de Deus, tornando presente o Mistério Pascal de Cristo e santificando os que os recebem.

Deste modo, os sacramentos configuram a Igreja como mediadora da salvação, tornando contínua a ação salvífica de Cristo na história. Eles não devem ser compreendidos como meros ritos ou cerimônias simbólicas, mas como prolongamentos efetivos dos mistérios salvíficos da

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² SC 59

¹⁴³ *Ibid.*

vida, morte e ressurreição de Cristo ao longo da história. Por meio deles, a obra redentora de Cristo se torna presente de maneira atual e eficaz, comunicando a graça divina aos fiéis e permitindo que cada cristão participe concretamente do Mistério Pascal.

Na verdade, os sacramentos instituídos por Deus nos conduzem a ser um com Cristo, como bem disse Cabasilas:

Recebemos o Batismo para morrer com a sua morte e ressurgir com a sua ressurreição; a unção do Crisma para nos tornarmos participantes da unção real da sua divindade; e, por fim, ao comer o pão santíssimo e beber o diviníssimo cálice, comungamos a mesma carne e o mesmo sangue que o Salvador assumiu.¹⁴⁴

Por meio dos sacramentos, o cristão é introduzido no mistério da vida divina. Cada sacramento realiza uma configuração progressiva com Cristo, conduzindo à comunhão plena com Ele. No Batismo, o fiel participa da sua morte e ressurreição; no Crisma, é ungido com o mesmo Espírito; e na Eucaristia, alimenta-se do próprio Corpo e Sangue do Senhor. Assim, os sacramentos tornam presente a ação salvífica de Cristo. Neles, o homem é transformado e unido intimamente ao seu Redentor.

Nesta perspectiva, vale ressaltar a importância dos Sacramentais, como mencionado no subtítulo deste tópico. Ao lado dos sacramentos, os sacramentais não apenas acompanham a vida dos fiéis, mas educam o coração para perceber que toda a realidade criada pode ser assumida por Deus e tornar-se lugar de encontro com Ele. Assim, bênçãos, consagrações e sinais sagrados não são práticas marginais, mas instrumentos pelos quais a Igreja prolonga a ação santificadora de Cristo e prepara os fiéis a acolherem com maior fruto os próprios sacramentos.

A Santa Mãe Igreja instituiu os sacramentais; por isso, a liturgia dos sacramentos e sacramentais permite que, aos fiéis bem dispostos, quase todos os acontecimentos da vida sejam santificados pela graça divina, que flui do Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, do qual todos os sacramentos e sacramentais recebem sua eficácia.¹⁴⁵

O Concílio Vaticano II define os sacramentais como “sinais sagrados instituídos à semelhança dos sacramentos, pelos quais se exprimem efeitos, sobretudo de ordem espiritual, alcançados pela intercessão da Igreja.”¹⁴⁶ O mesmo Concílio os insere no horizonte do Mistério Pascal de Cristo, indica a necessidade de sua renovação e reconhece que alguns deles podem ser celebrados inclusive por leigos devidamente preparados.

¹⁴⁴ CABASILAS, Nicolau. **A vida em Cristo**. 1. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia; Casa Santa Ana – Santuário de Fátima, 2020.

¹⁴⁵ LOPEZ, J. Martin, *op. cit.*, p. 315

¹⁴⁶ SC 60

Assim, a partir da sacramentalidade originária de Cristo e da sacramentalidade da Igreja, todos os sacramentais encontram o seu pleno sentido. Considerados muitas vezes como os “sacramentos dos pobres”, os sacramentais se revelam como sinais acessíveis e profundamente enraizados na vida do povo de Deus, marcados por sua simplicidade, proximidade e caráter cotidiano, capazes de transmitir de modo concreto e vital a memória do Mistério Pascal.¹⁴⁷

Nos ritos sacramentais da liturgia, o Mistério da salvação de Cristo permanece sempre vivo e atuante. Esta convicção ilumina a grandeza dos sacramentais, pois, embora não possuam a mesma eficácia dos sacramentos instituídos por Cristo, participam da mesma fonte: o Mistério Pascal.

Bênçãos, exorcismos, consagrações, procissões, uso de objetos e sinais sagrados são expressões concretas de como a ação de Cristo se estende ao cotidiano. Os sacramentais fazem com que a vida cristã, nas suas alegrias e dores, nos seus começos e fins, esteja sempre impregnada da presença de Deus. Eles prolongam na história a ação santificadora da Igreja e revelam que o Mistério Pascal é uma realidade viva que se comunica a cada geração.

Os sacramentais, que são sinais sagrados pelos quais, à semelhança dos sacramentos, se significam efeitos principalmente de caráter espiritual. Obtidos pela impetração da Igreja, os sacramentais preparam os homens para receber o efeito principal dos sacramentos e os santificam nas diversas circunstâncias da vida. Eles podem ser relacionados com pessoas, estabelecendo alguém em um ministério ou estado de vida; com coisas, determinando o destino ou uso de lugares e objetos; como bênçãos invocativas sobre pessoas, lugares, instrumentos do homem, objetos de culto e outros; e ainda incluem exorcismos e exéquias.¹⁴⁸

A liturgia, mediante os sacramentos e sacramentais, torna presente a ação da graça divina que acompanha e santifica todas as etapas da existência cristã. “É no Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor que estes sinais sagrados recebem a sua eficácia e virtude salvífica.”¹⁴⁹ Em última instância, é na Pessoa de Cristo, Mistério absoluto do Verbo Encarnado, que se encontra a origem e a plenitude da santificação do homem.

¹⁴⁷ MARQUES, Luis Felipe. *Sacrosanctum Concilium e os sacramentos*. Perspectiva Teológica, v. 55, n. 3, p. 651-666, set./dez. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pteo/a/DSMnphrtntfBtRKGB-dtbpd4H/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

¹⁴⁸ LOPEZ, J. Martin, *op. cit.*, p. 316

¹⁴⁹ SC 61

3.3 Espiritualidade litúrgica e vida cristã

O mistério da Encarnação revela a proximidade de Deus com a humanidade: o Eterno fez-se homem em Jesus de Nazaré, colocando-se ao alcance de nossas mãos, de nossos ouvidos e de nossos olhos, para que, olhando, ouvindo e tocando, pudéssemos viver em comunhão com Ele.¹⁵⁰ Esse dado fundamental da fé cristã manifesta que Deus não permanece distante, mas se comunica por meio de sinais concretos e sensíveis.

Conforme nota-se ao longo desta pesquisa, torna-se evidente que a ação litúrgica encontra sua essência profundamente enraizada no Mistério Pascal de Cristo. Ao celebrar os santos mistérios, não se trata apenas de uma realidade ritual, mas de uma ação que compromete toda a existência cristã com a obra da salvação, a qual alcança o homem em todas as suas dimensões: corpo, alma, história e vocação eterna. Assim, a espiritualidade litúrgica não se reduz a momentos celebrativos, mas abrange a vida cristã em seu dinamismo contínuo de comunhão com Deus e de transformação integral da própria vida.

Após a morte e a ressurreição do Senhor, o contato com Cristo se realiza na comunidade de fé, a Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas.¹⁵¹ Os Padres da Igreja testemunham essa verdade. Santo Ambrósio afirma: “Eu te encontro nos teus mistérios”, e São Leão Magno acrescenta: “O que era visível em nosso Redentor passou para os mistérios”. Tais afirmações revelam que a liturgia, em suas diversas expressões, especialmente na Eucaristia, é o lugar privilegiado de encontro com o Senhor ressuscitado. Essa realidade manifesta a estrutura sacramental da fé cristã: o invisível de Deus se torna acessível por meio de sinais visíveis, que, pela vontade de Cristo e pela ação do Espírito, são eficazes na vida da Igreja. Do mesmo modo como o contato com o corpo humano nos introduz no mistério da pessoa, também, ao participar do pão e do vinho eucarísticos, o fiel toca o próprio Mistério de Cristo e, assim, une-se a Ele, sendo conduzido ao Pai na comunhão do Espírito Santo.¹⁵²

A própria Liturgia define-se como vida vivida na coerência entre fé, celebração e existência cotidiana. A eucologia da Eucaristia expressa isso de modo eloquente: “Fazei frutificar em nós, Senhor, os mistérios que celebramos, pelos quais, durante a nossa vida na terra, nos ensinais a amar os bens do Céu e a viver para os valores eternos”. E ainda: “Fazei que a nossa vida, Senhor, corresponda à oferta das nossas mãos”. De fato, os fiéis compreenderam, desde cedo, a profunda influência que a celebração eucarística exerce sobre o seu estilo de vida.¹⁵³

¹⁵⁰ cf. 1 Jo 1,1-4

¹⁵¹ SC 7

¹⁵² CORDEIRO, José Manuel. Da liturgia à vida. *Didaskalia*, Lisboa, v. 44, n. 2, p. 203-213, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/25496>. Acesso em: 5 out. 2025.

¹⁵³ *ibid.*

Santo Inácio de Antioquia exprime com singular profundidade a identidade cristã ao afirmar que os fiéis são “aqueles que chegaram à nova esperança”, isto é, os que, pela graça, foram introduzidos na vida nova em Cristo. E, de modo ainda mais significativo, apresenta-os como aqueles que vivem “segundo o domingo”¹⁵⁴, sublinhando que a existência cristã se configura a partir da celebração eucarística dominical, memorial da Páscoa do Senhor. Tal formulação do grande mártir antioqueno evidencia que a vida do cristão não se limita ao âmbito cultural, mas se desdobra em testemunho cotidiano, onde a Liturgia torna-se princípio de vida e a vida, por sua vez, retorna à Liturgia como oferenda. Trata-se, portanto, de um dinamismo decisivo que constrói e edifica a comunidade cristã.¹⁵⁵

Deste modo, torna-se evidente que a vida cristã encontra o seu fundamento na Liturgia, particularmente na celebração dos sacramentos, com especial relevo para os da Iniciação cristã, na oração quotidiana da Liturgia das Horas e no amplo horizonte espiritual e pedagógico do Ano litúrgico. A espiritualidade cristã só pode ser verdadeiramente assim denominada quando se enraíza e se desenvolve segundo um itinerário sacramental, no qual a vida é continuamente configurada ao Mistério Pascal de Cristo.¹⁵⁶

Desse modo, constata-se que: A vida cristã funda-se na Liturgia, isto é, na celebração dos sacramentos, sobretudo nos sacramentos da Iniciação cristã, na celebração da Liturgia das Horas e no amplo horizonte do Ano litúrgico⁸. A espiritualidade cristã, enquanto tal, não pode ser assim chamada a não ser por um itinerário sacramental.

CORDEIRO (2014, p. 207) afirma:

Trata-se de realizar na vida aquilo que se celebra na Liturgia, como se reza na Oração Coleta da Sexta-feira da Oitava da Páscoa: “Deus eterno e onipotente, que na Páscoa da nova aliança ofereceste aos homens o dom da reconciliação e da paz, fazei que realizemos na vida o que celebramos na fé”. Por isso, a Liturgia não é apenas uma espiritualidade cristã entre outras, mas constitui a própria espiritualidade cristã. A sua qualificação própria é a vida dos fiéis em permanente encontro com Jesus Cristo, sob a ação vivificante do Espírito Santo.¹⁵⁷

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* resgata, na perspectiva da vivência humana, o sentido profundo da liturgia. Realizada por meio dos atos sacramentais e centrada no Mistério Pascal, a liturgia está intimamente ligada à obra de salvação de Cristo, abrangendo toda a vida do homem em suas dimensões histórica, corporal e espiritual.

¹⁵⁴ INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Magnésios*, 9,1, *apud* CORDEIRO, 2014, p. 208

¹⁵⁵ *Ibid.*

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ CORDEIRO, 2014, *op. cit.*, p. 205

A celebração desse mistério não se limita ao rito, mas questiona e transforma a existência de quem participa, bem como a realidade ao redor, já que o Mistério Pascal deve se manifestar na vida concreta dos fiéis, orientando o humano para o divino.¹⁵⁸ Participar sacramentalmente desse mistério não anula a dimensão humana, mas a expande, promovendo o amadurecimento pessoal em direção “à estatura de Cristo, o homem perfeito” (cf. Ef 4,13), fortalecendo as relações sociais e incentivando o desejo de comunhão trinitária, enquanto envolve a história humana na ação do Ressuscitado, “que renova todas as coisas” (cf. Ap 21,5).¹⁵⁹

A liturgia não é apenas um rito exterior, mas uma experiência transformadora que integra fé e vida. Ao participar do Mistério Pascal, o fiel cresce espiritualmente, fortalece suas relações e se abre à comunhão com Deus e com os outros. Assim, a *Sacrosanctum Concilium* reafirma que celebrar a liturgia é viver a salvação no cotidiano.

Uma liturgia encarnada com homens encarnados que são salvos na sua situação concreta do mundo. isto significa que a celebração litúrgica da salvação exige o entrar em comunhão com a situação atormentada do mundo e do homem para realizar a libertação concreta da humanidade. essa liturgia cristã tem sabor de céu, mas também tem entranhas de terra. a liturgia é chamada a ser historicamente libertadora.¹⁶⁰

A espiritualidade litúrgica convida o cristão a viver o Mistério Pascal de Cristo em sua vida cotidiana, configurando-se sacramentalmente com Ele, assumindo seus sentimentos e seguindo seus passos (cf. Rm 6,3-11; Ef 4,24; Cl 3,10-12; Gl 5,1; 1Pd 2,21). Participando da morte de Cristo, homens e mulheres de boa vontade se abrem à experiência de sua ressurreição, permitindo que a celebração litúrgica não se restrinja ao rito, mas se torne fundamento e guia de toda a vida moral, das escolhas do crente e da sua espiritualidade. Assim, o Mistério Pascal é chamado a ser vivido plenamente, integrando fé, liturgia e existência diária, expressando a íntima relação entre a espiritualidade litúrgica e a vida cristã.¹⁶¹

As realidades fundamentais para a espiritualidade litúrgica, operada pelo renovamento litúrgico do Concílio do Vaticano II vão desde a celebração dos sacramentos, do uso dos salmos, da escuta da Palavra de Deus, da frequente leitura orante da Bíblia (*lectio divina*), da experiência de uma assembleia orante, a uma maior consciência e familiaridade com os grandes textos dos Padres da Igreja e dos escritores eclesiais ao longo das épocas culturais.¹⁶²

¹⁵⁸ SC 2

¹⁵⁹ RODRIGUES, José Ribamar Ribeiro. **Mistério Pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida.** Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 151-159, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/download/34425/23658/93859>. Acesso em: 8 out. 2025.

¹⁶⁰ RODRIGUES, apud SILVA, 2020, p. 45

¹⁶¹ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 157.

¹⁶² *Ibid.*

Ao comemorar os quarenta anos da Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, João Paulo II reafirmou a importância de se cultivar uma “espiritualidade litúrgica” que conduza os fiéis a reconhecer Cristo como o primeiro “Liturgo”, Aquele que continua a atuar na Igreja e no mundo por meio do Mistério Pascal constantemente celebrado. Assim, a ação litúrgica torna-se o ponto de encontro entre a Igreja e Cristo, associando a comunidade e o próprio indivíduo à obra salvífica de Deus, conduzindo-os à adoração plena do Pai na unidade do Espírito Santo e orientando a caminhada da vida cristã rumo à sua realização última.¹⁶³

Assim, o amor de Cristo purifica e vivifica o coração, o corpo e a mente, fazendo com que a atitude espiritual adquirida e aperfeiçoada nas ações litúrgicas se prolongue na vida cotidiana, na ética e no testemunho na sociedade. Em outras palavras, a memória da morte e ressurreição do Senhor, celebrada na liturgia, deve irradiar-se na existência concreta dos fiéis, de modo que, como recorda o Concílio, “trazendo sempre em nosso corpo a morte de Jesus, também a sua vida se manifeste em nossa carne mortal¹⁶⁴”, pela ação vivificante do Espírito.

Podemos concluir a partir de dois pontos fundamentais. Primeiro, a Liturgia não se reduz a uma prática ritual, mas constitui o coração da espiritualidade cristã, onde a vida da Igreja se manifesta em sua plenitude. Como ensina Romano Guardini: “A Liturgia é arte tornada vida”.¹⁶⁵ Por meio dela, os fiéis entram em contato com o desígnio salvífico de Deus, revelado nas Escrituras e realizado nos sacramentos, conduzindo a comunidade à experiência do Mistério Pascal. Assim, a Liturgia orienta a existência cristã, oferecendo um caminho contínuo de encontro com Cristo, participação na ação salvadora de Deus e amadurecimento espiritual até sua plena consumação escatológica.

O segundo ponto é que Cristo faz-se amigo do homem em sua peregrinação terrena, guiando-o com segurança pelos perigos da vida até a terra prometida. Ele é o único modelo a contemplar: o Verbo de Deus feito homem, enviado na plenitude do tempo. Cristo não é apenas o meio de santificação, mas a própria estrutura da nossa santidade. Nessa memória viva da sua presença, somos transformados em seres litúrgicos, e a sacramentalidade da Liturgia nos conforma à sua imagem. Quem verdadeiramente encontrou Cristo e se deixou encontrar por Ele é chamado a anunciá-Lo e testemunhá-Lo na simplicidade do quotidiano. Esta é a seriedade simples e bela da Liturgia, expressão viva da espiritualidade cristã. A experiência viva de Deus na Liturgia e na vida cotidiana conduz o fiel a viver em atitude de oferta e louvor, tornando-se, assim, expressão da própria vida de Cristo no mundo.

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ SC 12

¹⁶⁵ GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

Considerações Finais

Ao concluir esta síntese, torna-se evidente que o Mistério Pascal de Cristo é o coração pulsante da fé cristã e o fundamento de toda a vida litúrgica da Igreja. Desde suas raízes bíblicas até a formulação teológica dos Padres da Igreja e o magistério do Concílio Vaticano II, percebe-se que toda a economia da salvação converge para a Páscoa de Cristo, em cuja morte e ressurreição a humanidade é redimida e introduzida na vida nova do Espírito. No acontecimento pascal, o amor de Deus se manifesta em plenitude: o Filho assume a condição humana, vence o pecado e a morte, e inaugura uma nova e eterna Aliança, reconciliando o céu e a terra.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, marco inaugural da renovação conciliar, iluminou de modo singular a compreensão do Mistério Pascal como centro e fonte da liturgia. Ao afirmar que a liturgia é “a ação de Cristo e da Igreja” (SC 7) e que dela “fluem todas as graças” (SC 10), o Concílio resgata a consciência de que cada celebração é uma atualização do único sacrifício redentor de Cristo. Assim, a análise deste estudo demonstrou que a *Sacrosanctum Concilium* não apenas propôs uma reforma litúrgica, mas, sobretudo, um retorno ao coração do Evangelho: a participação viva no Mistério Pascal.

A liturgia, portanto, é o lugar onde o Mistério Pascal se torna presente e eficaz, comunicando à Igreja a vida do Ressuscitado. Nela, o tempo humano é tocado pela eternidade, e o que Cristo realizou de uma vez por todas na cruz é continuamente atualizado na celebração sacramental. Por isso, a liturgia não é um simples rito externo nem uma recordação simbólica, mas o “hoje de Deus”, onde o Salvador age e transforma a história pela força do Espírito Santo.

Entre todas as celebrações, destaca-se a Eucaristia, memorial vivo da Páscoa do Senhor e sacramento por excelência da comunhão com Deus. O Concílio Vaticano II, seguido pelo magistério dos Papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, reafirmou que a Eucaristia é o centro da vida e da missão da Igreja, pois nela Cristo continua a oferecer-se ao Pai pela salvação do mundo. Conforme ensina São João Paulo II na *Ecclesia de Eucharistia*, “a Igreja vive da Eucaristia (EC 1)”; nela se renova incessantemente o sacrifício redentor e se constrói a unidade do Corpo Místico de Cristo.

A Eucaristia é, ao mesmo tempo, sacrifício, banquete e comunhão. Nela, o Cristo crucificado e ressuscitado se faz presente de modo real, verdadeiro e substancial, alimentando os fiéis com o pão da vida eterna e configurando-os a si mesmo. Esse dinamismo pascal, vivido na liturgia, conduz o cristão a participar do movimento de Cristo: da morte para a vida, do pecado para a graça, do egoísmo para a caridade. A comunhão eucarística, portanto, não se

encerra no altar, mas se prolonga na vida, exigindo coerência com o Evangelho e compromisso com a transformação do mundo.

A redescoberta do domingo como “Páscoa semanal” insere esse mistério no ritmo da existência cristã, recordando que cada celebração é uma antecipação da Páscoa eterna. No *dies Domini*, a comunidade dos fiéis é chamada a viver a alegria do Ressuscitado, a fortalecer os laços de fraternidade e a renovar a esperança diante das tribulações do tempo presente. A liturgia dominical torna-se, assim, fonte de renovação espiritual e impulso missionário, convidando os cristãos a testemunhar no mundo a vida nova que recebem do altar.

Por tudo isso, pode-se afirmar que o Mistério Pascal, à luz da *Sacrosanctum Concilium*, revela-se como o eixo que sustenta toda a teologia litúrgica e a própria identidade da Igreja. Celebrar a Páscoa de Cristo é participar de sua entrega e de sua vitória, é deixar-se transformar pelo amor que salva. A liturgia, fonte e cume da vida cristã, conduz a Igreja a viver constantemente o dinamismo pascal, tornando cada fiel uma oferenda viva para a glória do Pai e a salvação do mundo.

Portanto, este estudo permitiu compreender que a *Sacrosanctum Concilium* não é apenas um documento normativo, mas um verdadeiro caminho espiritual, que convida a Igreja a redescobrir na liturgia o “rosto pascal de Cristo”. Celebrar é deixar-se envolver pela presença redentora do Senhor, é participar da vida divina que se comunica em cada sacramento. Como afirma Bento XVI, “a liturgia cristã é o culto do céu aberto; é a entrada da Igreja na liturgia celeste. Nela, o véu entre o céu e a terra é rasgado e participamos do amor redentor de Cristo, que transforma o mundo.”¹⁶⁶ Dessa forma, celebrar é viver, desde já, o eterno louvor da Jerusalém celeste.

¹⁶⁶ A Introdução ao Espírito da Liturgia, 2001, p. 21.

Referências bibliográficas

ADAM, A. **O Ano litúrgico**. São Paulo: Loyola, 2019.

ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002

BENTO XVI. ***Sacramentum Caritatis***: Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est***. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, Ione. A liturgia na América Latina: Celebração da Páscoa do povo? **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 81, p. 10-16, maio/jun, 1987.

CABASILAS, Nicolau. **A vida em Cristo**. 1. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia; Casa Santa Ana – Santuário de Fátima, 2020.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 5. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CANTALAMESSA, R. **O Mistério da Páscoa**. Aparecida, SP: Santuário, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. **I più antichi testi pasquali della chiesa**: Le omelie di Melitone di Sardi e dell'Anonimo Quartodecimano e altri testi Del II secolo, Roma: Liturgiche, 1972.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR ***SACROSANCTUM CONCILIUM*** SOBRE A SAGRADA LITURGIA. *In*: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

ESCOBAR, F. Mistério Pascal de Cristo. *In*: CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano). **Manual de liturgia II**: a Celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2007. (Manual de Liturgia).

FRANCISCO. **Carta Apostólica *Desiderio desideravi***. Brasília: CNBB, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

IGREJA CATÓLICA. **Missal Romano**: restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: CNBB, 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. 25 mar. 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em 02 maio 2025.

JOÃO PAULO II. ***Dies Domini***: Carta Apostólica ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOÃO PAULO II. ***Ecclesia de Eucharistia***: Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II. ***Mane Nobiscum Domini***: Carta Apostólica ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis para o Ano da Eucaristia. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

LOPEZ J. Martin. **Liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Petrópolis: Vozes, 2022

MARINI, Piero. M. **No 40º Aniversário da promulgação da constituição "*Sacrosanctum Concilium*"**. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARSILI, Salvador OSB. A Liturgia, momento histórico. In: VV.AA. **Anamneses 1**: A liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas 1987. pp. 116-122.

MARTÍN, Lopes J. **No Espírito e na verdade**: introdução teológica à Liturgia. Petrópolis: Vozes, 1996.

MATOS, Marcelo Fróes de. **O Mistério Pascal na homilia**: um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra. 2011. Dissertação (Mestrado em Liturgia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

IBÁÑEZ. J.; MENDOZA, F. **Melitão de Sardes**: Homilia sobre la Pascua. Navarra: Eunsa, 1975.

MCKENZIE, Jonh L. **Dicionário Bíblico**. . 5. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

NEUNHEUSER, B. Memorial. In: SARTORES, D.; TRIACCA, A. M. (org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

PAULO VI, Papa. **Discurso na clausura da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 4 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19631204_chiusura-concilio.html. Acesso em: 13 fev. 2025.

PAULO VI. ***Mysterium Fidei***: Carta Encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PIO XII, Papa. ***Sempiternus Rex Christus***. Carta Encíclica sobre o XV Centenário do Concílio Ecumênico de Calcedônia. São Paulo: Paulinas, 1951.

PINELL, Jordi. Leão Magno. *In*: SORDI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (org). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Paulus, 2010.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

SANTANA, L. F. **Liturgia no Espírito**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015.

SORCI, P. Mistério Pascal. *In*: **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus 1992.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2019.

Referências Eletrônicas

BENTO XVI. **Discurso à comunidade do Pontifício Instituto Litúrgico do Ateneu de Santo Anselmo, no 50º aniversário de fundação.** Sala Clementina, 6 maio 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110506_sant-anselmo.html. Acesso em: 29 set. 2025.

CORDEIRO, José Manuel. Da liturgia à vida. *Didaskalia*, Lisboa, v. 44, n. 2, p. 203-213, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/25496>. Acesso em: 5 out. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Homilia na Santa Missa e Procissão Eucarística na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo**, Praça São João de Latrão, quinta-feira, 26 maio 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160526_omelia-corpus-domini.html. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Homilia na Santa Missa na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Basílica de São Pedro**, domingo, 6 jun. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210606_omelia-corpusdomini.html. Acesso em: 17 set. 2025.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. 25 mar. 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em 02 maio 2025.

JOÃO PAULO II. ***Vicesimus quintus annus***. Exortação Apostólica sobre o 25º aniversário da Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*. Vaticano, 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19950304_vicesimus-quintus-annus.html. Acesso em: 27 set. 2025.

MARINI, Piero. M. **No 40º Aniversário da promulgação da constituição "*Sacrosanctum Concilium*".** 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARQUES, Luis Felipe. *Sacrosanctum Concilium e os sacramentos. Perspectiva Teológica*, v. 55, n. 3, p. 651-666, set./dez. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pteo/a/DSMn-phrtnfBtRKGBdtbpd4H/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

PAULO VI, Papa. **Discurso na clausura da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 4 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19631204_chiusura-concilio.html. Acesso em: 13 fev. 2025.

RODRIGUES, José Ribamar Ribeiro. Mistério Pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 151-159, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/34425/23658/93859>. Acesso em: 8 out. 2025.

SILVA, Vanderson de Sousa. A teologia do Domingo: memória pascal semanal: aspectos de teologia do ano litúrgico. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano XXII, n. 84, p. 268-284, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 16 ago. 2025.